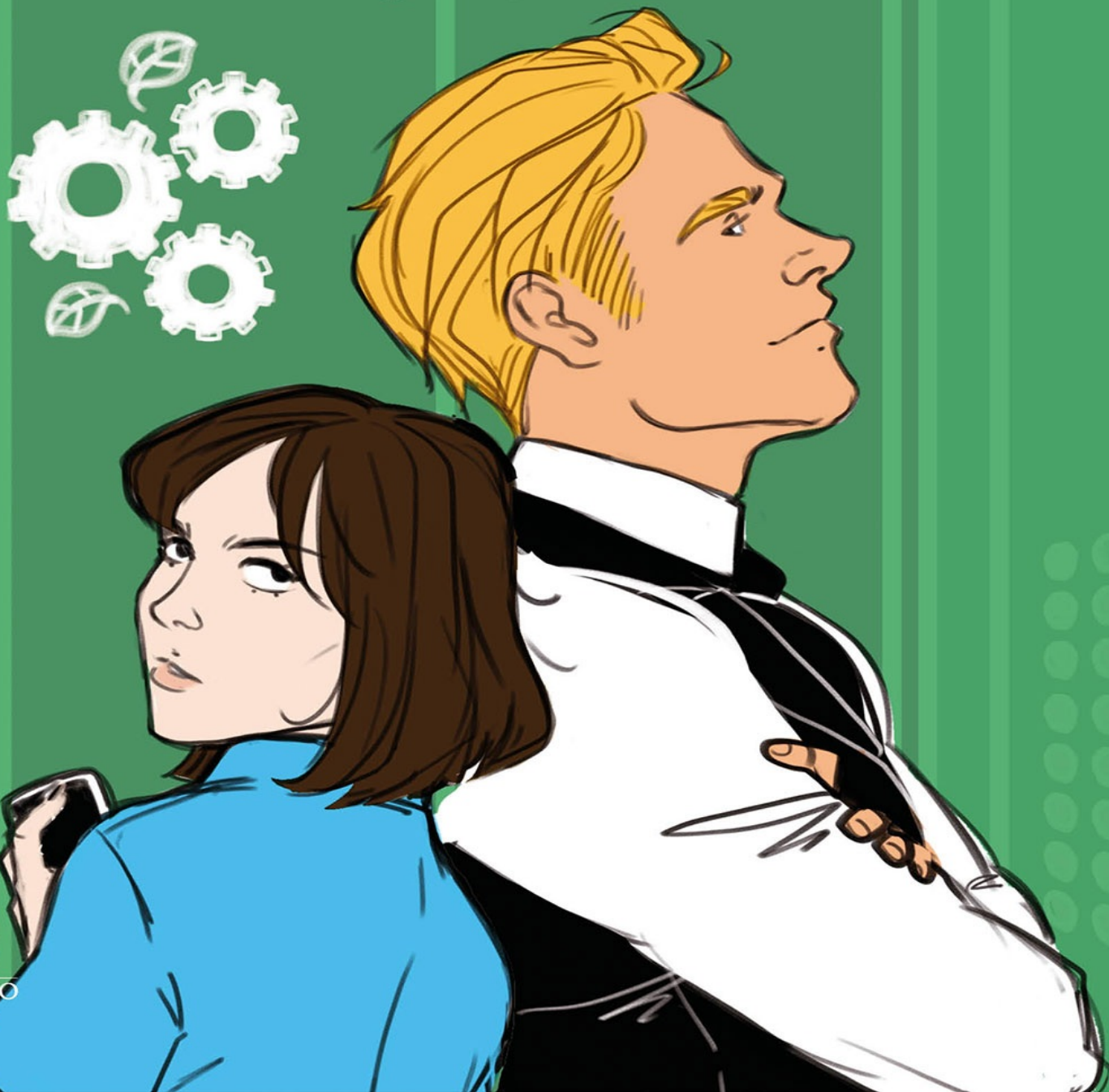


ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

Presas com Você



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Presa
com Você



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

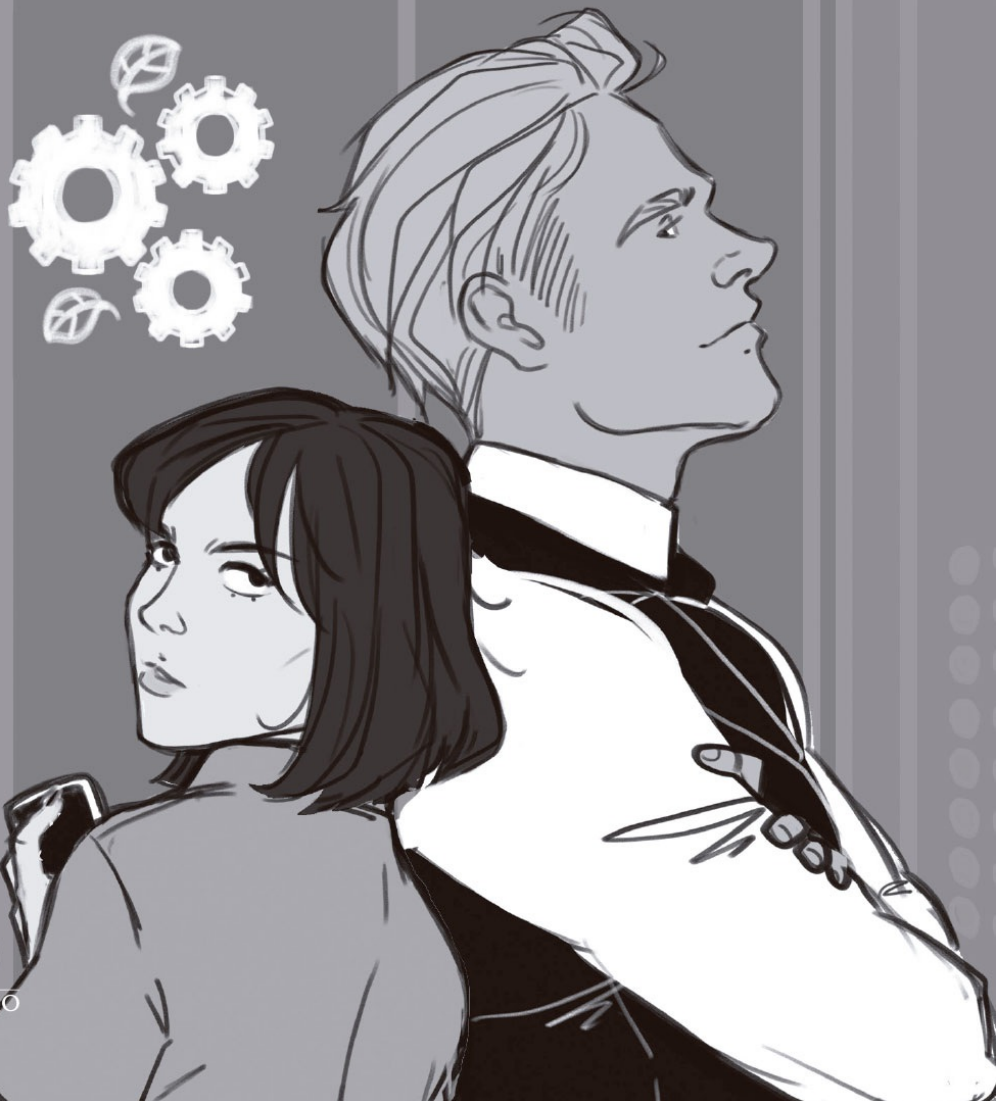
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ALI HAZELWOOD

Presas *com Você*



Título original: *Stuck With You*
Copyright © 2022 por Ali Hazelwood
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Carolina Rodrigues e Mariana Bard
diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo
capa e ilustração de capa: lilithsaur
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H337p

Hazelwood, Ali

Presa com você [recurso eletrônico] / Ali Hazelwood; [tradução Roberta Clapp]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2023.
recurso digital (Odeio te amar; 2)

Tradução de: *Stuck with you*
Continua com: *Presa com você*
Formato: epub
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-65-5565-444-8 (recurso eletrônico)

1. Romance italiano. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título. III. Série.

22-80836

CDD: 853
CDU: 82-31(450)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Marie, minha Elizabeth Swann favorita

SUMÁRIO

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Epílogo

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



Capítulo Um

PRESENTE

Meu mundo acaba às 22h43 de uma sexta-feira à noite, quando o elevador para entre o oitavo e o sétimo andar do prédio em que fica a empresa de engenharia onde trabalho. As lâmpadas do teto piscam. Então se apagam por completo. Em seguida, depois de um intervalo de cinco segundos que parece durar décadas e décadas, a iluminação volta, mas com o tom ligeiramente mais amarelado da lâmpada de emergência.

Merda.

Uma curiosidade: na verdade, esta é a segunda vez que meu mundo acabou esta noite. A primeira foi há menos de um minuto. Quando o elevador em que estou agora parou no décimo terceiro andar e Erik Nowak, a última pessoa que eu queria ver, apareceu que nem um viking em todo o seu esplendor louro e imponente. Ele ficou me olhando pelo que pareceu muito tempo, deu um passo para dentro e depois me olhou um pouco mais, enquanto eu inspecionava intensamente os bicos dos meus sapatos.

Merda. Merda.

A situação é um pouco complicada. Eu trabalho em Nova York, e minha empresa, a GreenFrame, aluga um pequeno escritório no décimo oitavo andar de um prédio em Manhattan. Bem pequeno. Tem mesmo que ser muito pequeno, porque somos uma empresa novata, ainda nos estabelecendo em um mercado bastante implacável, e nem sempre ganhamos rios de dinheiro. Acho que isso é o que acontece quando a gente valoriza coisas como sustentabilidade, proteção do meio ambiente, viabilidade e eficiência econômica, recursos renováveis, minimização da exposição a riscos em potencial como materiais tóxicos e... Bem, não quero entediar você com um verbete da Wikipédia sobre engenharia verde. Basta dizer que a minha chefe, Gianna (que é a única outra engenheira trabalhando em tempo integral na empresa), fundou a GreenFrame com o objetivo de criar grandes estruturas que realmente façam sentido em seu ambiente, e é extremamente dedicada a isso, de uma forma maravilhosa. O lado ruim é que essa área nem sempre paga muito bem. Ou bem.

Ou sequer paga.

Então, como eu disse, nossa situação é um pouco complicada, principalmente quando comparada à de empresas de engenharia mais tradicionais que não focam tanto em conservação e em controle de poluição. Como a ProBld, a empresa gigantesca onde Erik Nowak trabalha. A que ocupa o décimo terceiro andar inteiro. E o décimo segundo. Será que o décimo primeiro também? Já nem sei mais.

Então, quando o elevador começou a desacelerar no décimo quarto andar, senti uma onda de apreensão, que ingenuamente deixei de lado, considerando ser mera paranoia. *Você não tem nada com que se preocupar, Sadie*, eu disse a mim mesma. A ProBld tem um monte de escritórios. Eles estão sempre em expansão. Orquestrando “fusões” e engolindo empresas menores. Feito a bolha assassina. Eles são a entidade ameboide alienígena corrosiva do setor, logo centenas de pessoas trabalham para eles e qualquer uma delas poderia ter chamado o elevador. Qualquer uma. É impossível ser Erik Nowak.

Aham.

Era exatamente Erik Nowak. Com sua presença colossal. Erik Nowak, que passou todo o nosso trajeto de cinco andares me encarando com seus olhos azuis gélidos e implacáveis. Erik Nowak, que está olhando para a luz de emergência

com a testa ligeiramente franzida.

– Faltou luz – diz ele, numa declaração óbvia, com sua voz absurdamente grave.

Ela não mudou nada desde a última vez que nos falamos. Nem desde aquela sequência de mensagens de voz que ele deixou no meu celular antes de eu bloquear o número dele. Aquelas que eu jamais me dei o trabalho de responder, mas que também não consegui excluir. Aquelas que ouvi várias e várias vezes sem parar.

Continua sendo uma voz idiota. Idiota e ardilosa, forte e precisa, com propriedades acústicas próprias. “Eu vim da Dinamarca pra cá aos 14 anos”, ele me disse no jantar quando perguntei sobre seu sotaque – leve, difícil de detectar, mas definitivamente presente. “Meus irmãos mais novos acabaram perdendo o sotaque, mas eu, não.” Seu rosto estava severo como sempre, mas vi sua boca se suavizar, com uma curvinha no canto que poderia ser um sorriso. “Como pode imaginar, implicavam muito comigo na adolescência.”

Depois da noite que passamos juntos, depois de tudo que aconteceu entre nós, eu não conseguia tirar da cabeça a maneira como ele pronunciava as palavras. Passei dias me assustando, virando-me toda vez que pensava ter ouvido sua voz vindo de algum lugar próximo. Achava que pudesse estar por perto, mesmo que eu estivesse correndo no parque, sozinha no escritório ou na fila do supermercado. A voz dele tinha simplesmente grudado em mim, cobrindo meus ouvidos e o interior da minha...

– Sadie? – A voz desprezível de Erik interrompe meus pensamentos. Tem a entonação de quem está repetindo alguma coisa, e provavelmente não pela primeira vez. – Está ou não?

– Está ou não o quê? – Olho para cima e o vejo ao lado dos botões do elevador. Mesmo nas sombras duras da luz de emergência, ele é tão... Meu Deus. Fitar seu belo rosto é um erro. Ele é um erro. – Desculpa, é... O que você falou?

– Seu celular está funcionando? – pergunta ele mais uma vez, paciente, gentil.

Por que ele é tão gentil? Não deveria ser. Depois do que aconteceu entre nós, decidi me torturar perguntando sobre ele por aí, e a palavra *gentil* nunca apareceu. Nenhuma vez. Um dos melhores engenheiros de Nova York, as pessoas costumavam dizer. Conhecido por ser tão competente quanto intratável. Pragmático, esquivo, frio. Embora ele nunca tivesse sido assim comigo. Até ser, é

claro.

– Hum. – Pego meu celular no bolso de trás da minha calça preta de alfaiataria e pressiono o botão para ver a tela inicial. – Sem serviço. Mas isso aqui é uma gaiola de Faraday – digo, pensando em voz alta –, e o poço do elevador é de aço. Nenhum sinal vai ser capaz de fazer um loop e... – Percebo o jeito como Erik está olhando para mim e calo a boca abruptamente. Ele também é engenheiro. Já sabe de tudo isso. Pigarreio. – É, não tem sinal, não.

Erik assente e continua:

- O wi-fi deveria estar funcionando, mas não está. Então talvez tenha sido...
- ... uma queda de energia no edifício inteiro?
- Quem sabe até no quarteirão inteiro.

Merda.

Merda, merda, merda. Merda.

Erik parece estar lendo minha mente, porque me observa por um instante e diz de forma tranquilizadora:

– Pode ser melhor assim. Alguém vai verificar os elevadores se souber que faltou luz. – Ele faz uma pausa antes de acrescentar: – Embora possa demorar um pouco.

Dolorosamente franco. Como sempre.

– Quanto tempo?

Ele dá de ombros.

– Algumas horas?

Algumas o quê? Algumas horas? Em um elevador que é menor que o meu banheiro já minúsculo? E com Erik Nowak, a mais taciturna das montanhas escandinavas? Erik Nowak, o homem que eu...

Não. De jeito nenhum.

– Deve ter alguma coisa que a gente possa fazer – digo, tentando soar controlada.

Juro que não estou entrando em pânico. Não muito.

– Não consigo pensar em nada.

– Mas... o que a gente faz agora, então? – pergunto, odiando o tom choroso da minha voz.

Erik deixa sua bolsa carteiro cair no chão com um baque. Ele se apoia na parede oposta à minha, o que teoricamente deveria me dar algum espaço para

respirar, mas, por alguma razão que desafia a física, ainda parece perto demais. Eu o vejo enfiar o celular no bolso da frente da calça jeans e cruzar os braços. Seu olhar é frio, insondável, mas há um brilho fraco neles que faz um arrepio percorrer as minhas costas.

– Agora – diz ele, olhando fixamente para mim – a gente espera.

São 22h45 de uma sexta-feira à noite. E, pela terceira vez em menos de dez minutos, meu mundo acaba.



Capítulo Dois

TRÊS SEMANAS ATRÁS

Existe coisa pior.

Existe, sem dúvida, uma infinidade de coisas piores no mundo. Meias molhadas. TPM. As prequelas de *Star Wars*. Biscoitos de aveia com passas querendo se passar por gotas de chocolate, wi-fi lento, mudanças climáticas e desigualdade de renda, caspa, engarrafamento, o final de *Game of Thrones*, tarântulas, sabonete com cheiro de comida, pessoas que odeiam futebol, horário de verão (quando adianta uma hora), masculinidade tóxica, a vida injustamente curta dos porquinhos-da-índia – todas essas coisas, só para citar algumas, são realmente terríveis, pavorosas e horrendas. Porque é assim que o universo funciona: está repleto de acontecimentos ruins, tristes, perturbadores, injustos e revoltantes, e eu deveria saber que não tem sentido fazer beicinho feito uma criança de 10 anos que por pouco não tem altura para andar na montanha-russa quando Faye me diz, atrás do balcão de sua pequena cafeteria:

– Desculpe, querida, acabou o croissant.

Só para esclarecer: eu nem quero comer um croissant. E sei que parece estranho (todo mundo sempre *quer* um croissant; é uma lei da física, como o paradoxo de Fermi ou as equações de campo de Einstein), mas a verdade é que eu sobreviveria sem *este* croissant específico se esta fosse uma manhã normal de terça-feira.

Infelizmente, hoje é dia de fazer uma apresentação de vendas. Vou me reunir com potenciais futuros clientes da GreenFrame, conversar com eles, explicar as centenas de pequenas coisas que posso fazer para ajudá-los a gerenciar projetos de construção sustentável em grande escala e torcer para que decidam nos contratar. É o que venho fazendo há cerca de oito meses, desde que terminei o doutorado: tentar trazer novos clientes; tentar manter os que já temos; tentar aliviar a carga de trabalho de Gianna, já que ela acabou de se tornar mãe – não de um, mas de três bebês. Aparentemente, gestações de trigêmeos acontecem mesmo. E eles são uns fofos, mas também acordam um ao outro no meio da noite em uma espiral interminável de insônia e exaustão. Quem poderia imaginar?

Enfim, voltando aos clientes: a GreenFrame vem operando no limite do rentável, e a apresentação de hoje é fundamental para não entrarmos no vermelho.

É aí que entra o croissant. Na verdade, eu tenho um outro probleminha: sou um pouco supersticiosa. Só um pouquinho. Um tiquinho de nada. Desenvolvi um sistema complexo de rituais e gestos para afastar a má sorte que precisa ser cumprido para garantir que minhas apresentações ocorram conforme o planejado. Tenho mais anos de educação científica do que qualquer um poderia precisar, então deveria saber que acreditar que a cor das minhas meias de alguma maneira influencia meu sucesso profissional não faz muito sentido. Mas acredito mesmo assim.

Na faculdade, eu precisava ter exatamente três tranças no meu cabelo em todas as partidas de futebol (mais duas camadas de rímel L'Oréal, se não estivéssemos jogando em casa) e tinha que ouvir “Dancing Queen” e “My Immortal” antes de absolutamente todas as finais – estritamente nessa ordem. Graças a Deus consegui me formar a tempo, porque a instabilidade emocional estava acabando comigo.

Não que eu goste de admitir essa minha questão para todo mundo. Na

verdade, apenas Mara e Hannah, minhas supostas melhores amigas, sabem disso. Nós nos conhecemos no primeiro ano do doutorado e nos arrastamos juntas ao longo do suplício que é a academia nas áreas STEM (que incluem ciências, tecnologia, engenharia e matemática). Na maior parte do tempo, tê-las na vida é minha única alegria verdadeira, mas houve momentos não tão agradáveis assim. Por exemplo, durante os quatro anos em que moramos juntas, elas variaram entre encenar intervenções antissuperstição e aprontar pegadinhas comigo, como convidar gatos de rua pretos para o nosso apartamento toda sexta-feira 13.

(Acabamos até adotando um por alguns meses, o JimBob, até percebermos que a gatinha do panfleto de animais desaparecidos espalhado pelo bairro inteiro parecia com ele; JimBob na verdade era a Sra. Fluffpuff, e nós a devolvemos discretamente no meio da noite. Ela tem feito muita falta desde então.)

De qualquer jeito, sim: eu tenho melhores amigas péssimas, incríveis e que não apoiam minhas superstições. Só que não moramos mais juntas. Não moramos sequer na mesma cidade: Mara está em Washington, na EPA, a agência de proteção ambiental americana, e Hannah trabalha para a Nasa, dividindo-se entre o Texas e a Noruega. Então posso jogar sal por cima do ombro e procurar superfícies de madeira para bater até dizer chega.

Agora... *Por que* eu sou assim? Não faço a menor ideia. Vamos jogar a culpa na minha mãe extremamente italiana.

Mas... voltando a esta terça-feira de manhã: o cerne do meu problema, entenda, é que, no último inverno, antes da minha apresentação mais bem-sucedida até hoje, eu estava faminta. Então entrei na cafeteria tosca da Faye e, em vez de apenas pedir o de sempre – café brutalmente puro: sem açúcar, sem creme, apenas o amargo entorpecimento da escuridão –, acrescentei um croissant ao meu pedido. Era tão bom quanto o café (ou seja, ao mesmo tempo rançoso e malpassado; o sabor pairando entre amido e salmoneia), mas, para o meu eterno desgosto, foi prontamente seguido pela assinatura do contrato mais lucrativo que a GreenFrame tinha visto em sua jovem história.

Gianna ficou absolutamente radiante. E eu também, até que meu cérebro meio italiano começou a formar um milhão de pequenas conexões entre aquele croissant dos infernos e minha grande vitória profissional. Você já sabe onde isso vai dar: sim, agora sinto com todas as minhas forças que devo comer um croissant da Faye antes de cada apresentação, caso contrário o impensável

acontecerá. E não, não faço ideia de como reagir ao seu educado porém decisivo “Desculpe, querida, acabou o croissant”.

Eu disse que existem coisas piores no mundo? Era mentira. Isso é um desastre. Minha carreira acabou. Estou ouvindo sirenes à distância?

– Entendi – digo a ela.

Mordo o lábio inferior e me forço a sorrir. Afinal, não é culpa de Faye se minha mãe infiltrou nos meus neurônios de bebê que passar por debaixo da escada é um caminho infalível para uma vida inteira de desgraças. Faço terapia por causa disso. Ou vou fazer. Em algum momento.

– Você... é... está fazendo mais?

Ela olha para a vitrine.

– Ainda tenho muffins. De mirtilo. De limão.

Ah. Parece muito bom. Mas...

– Nenhum croissant mesmo?

– Posso fazer um bagel pra você. Canela? Mirtilo? Puro?

– Isso é um não pro croissant?

Faye inclina a cabeça com uma expressão satisfeita.

– Você realmente gosta do meu croissant, hein?

Gosto?

– Eles são tão... hum... – Agarro a alça da minha bolsa carteiro de couro ecológico. – Únicos.

– Bem, infelizmente acabei de servir o último pro Erik logo ali.

Faye aponta para sua esquerda, bem na direção do fim do balcão, mas eu mal olho para Erik-logo-ali – *homem alto, ombros largos, veste terno, chato* –, ocupada demais xingando meu péssimo timing. Se eu não tivesse passado vinte minutos fazendo cosquinha na bela e majestosa bundinha de Ozzy, o meu porquinho-da-índia... Agora estou merecidamente pagando pelos meus erros, e Faye está me lançando um olhar julgador.

– Vou tostar um bagel. Você é muito magrinha pra ficar sem café da manhã. Coma um pouco mais, e de repente você ainda cresce um pouco também.

Duvido que eu consiga finalmente superar meu 1,5 metro no auge dos 27 anos, mas quem sabe.

– Só pra recapitular – digo, em uma última tentativa suplicante e chorosa de salvar meu futuro profissional –, você *não vai* fazer mais croissants hoje?

Faye semicerra os olhos.

– Querida, talvez você goste um pouco *demais* dos meus croissants...

– Aqui.

A voz – que não é a de Faye – é intensa e grave, vinda de algum lugar acima da minha cabeça. Mas eu mal presto atenção porque estou ocupada demais encarando o croissant que milagrosamente surgiu diante dos meus olhos. Ainda está inteiro, apoiado em cima de um guardanapo, com alguns flocos de massa caindo do topo. Eu já tinha comido os croissants de Faye antes e sabia que o que lhes falta em sabor compensa em tamanho. Eles são muito, muito grandes.

Mesmo quando entregues por uma mão muito, muito grande.

Pisco repetidamente por vários segundos, me perguntando se aquilo é uma miragem induzida pela superstição. Então me viro devagar para olhar o homem que depositou o croissant no balcão.

Ele não está mais lá. Já saiu pela porta, e tudo que tenho é um breve relance de ombros largos e cabelos claros.

– O que...? – Olho para Faye enquanto aponto para o homem. – O que...?

– Parece que Erik achou que você deveria ficar com o último croissant.

– Por quê?

Ela dá de ombros.

– A croissant dado não se olham os dentes.

Croissant dado.

Desperto do meu estupor, enfio uma nota de 5 dólares no pote de gorjetas e saio correndo da cafeteria.

– Ei! – grito. O homem está cerca de vinte passos à minha frente. Bem, vinte passos com as minhas perninhas. Podem ser menos de cinco com as dele. – Ei, espera um pouco...

Ele não para, então agarro meu croissant e corro atrás dele. Incorporo minha melhor versão de ex-bolsista do time de futebol e desvio de uma senhora passeando com seu cachorro, depois de seu cachorro, então de dois adolescentes se beijando na calçada. Alcanço-o ao virar a esquina, quando paro na frente dele e digo:

– Ei.

Dou um sorriso, olhando para cima. E mais e mais e mais para cima. Ele é mais alto do que calculei. E estou mais sem fôlego do que gostaria. Preciso me

exercitar mais.

– Muito *obrigada*! Você realmente não precisava...

Fico sem palavras. Por nenhum motivo a não ser a constatação de como ele é impressionante. Tão...

Escandinavo, talvez. Tipo um viking. Nórdico. Como se seus ancestrais tivessem se divertido sob a aurora boreal a caminho de fundar a IKEA. Ele é grande como o Iéti, com olhos azul-claros e cabelo louro-claro curto, e eu apostaria meu croissant que seu nome contém uma daquelas letras nórdicas legais: o *a* e o *e* grudados, aquele *o* estranho cortado no meio... Aquele *b* grande que parece um beta também é nórdico? Bom, alguma letra que requer muito conhecimento de HTML para ser digitada.

Aquilo me pega de surpresa, e por um momento fico sem saber o que dizer e apenas olho para cima. A mandíbula forte. Os olhos fundos. A maneira como os traços retos do seu rosto se combinam para formar algo muito, muito bonito.

Então percebo que ele está me encarando de volta e me sinto constrangida. Sei exatamente o que ele está vendo: a camisa azul que enfiei dentro da calça de sarja; a franja que preciso muito aparar; o cabelo castanho na altura dos ombros que *também* preciso aparar; e depois, claro, o croissant.

O croissant!

– Muito *obrigada*! – digo com um sorriso. – Não era minha intenção roubar seu lanche.

Nenhuma resposta.

– Posso te pagar.

Ainda sem resposta. Apenas aquele olhar nórdico e severo.

– Ou posso comprar um muffin pra você. Ou um bagel. Eu realmente não queria atrapalhar seu café da manhã.

Número de respostas: zero. Intensidade do olhar: imensurável. Será que ele entende o que eu estou... Ah.

Aaaah.

– *Muito. Obrigada* – repito, bem, bem devagar, como quando o lado materno da minha família, a parte que não imigrou para os Estados Unidos, tenta falar italiano comigo. – Pelo croissant – acrescento, levantando o croissant na frente do rosto. – Quero agradecer – aponto para o viking – a você. Você é muito – inclino a cabeça e torço meu nariz alegremente – gentil. – Ele olha ainda mais

fixamente, pensativo. Acho que não entendeu. – Não está entendendo, né? – murmuro para mim mesma, desanimada. – Bem, obrigada mais uma vez. Você me fez um grande favor.

Ergo o croissant uma última vez, como se estivesse fazendo um brinde. Então eu me viro e começo a me afastar.

– De nada. Se bem que você vai descobrir que o croissant deixa muito a desejar.

Eu me viro de volta para ele. O viking louro está olhando para mim com uma expressão indecifrável.

– V-você falou comigo?

– Falei.

– Em inglês?

– Acredito que sim.

Sinto minha alma rastejar para fora do meu corpo e se projetar astralmente nas chamas ardentes do inferno por puro e absoluto constrangimento.

– Você... você não estava dizendo nada. Antes.

Ele dá de ombros. Seus olhos são calmos e sérios. A extensão dos ombros dele poderia facilmente fazer hora extra como platô na Eurásia.

– Você não fez nenhuma pergunta.

– Eu achei... Parecia que... Eu... – Fecho os olhos, lembrando-me do jeito como enfatizei *gentil* para ele. Acho que quero morrer. Quero que isso tudo acabe. Sim, chegou a minha hora. – Estou muito agradecida.

– Provavelmente não vai estar depois que experimentar o croissant.

– Não, eu... – digo, retraindo-me. – Eu sei que não é bom.

– Sabe?

Ele cruza os braços e me lança um olhar curioso. Está vestindo um terno, como 99% dos homens que trabalham neste quarteirão. Só que ele não parece nenhum outro homem que eu já vi. Está mais para uma versão corporativa do Thor. Tipo um Ragnarök Platinum. Gostaria que ele sorrisse para mim, em vez de apenas me observar. Eu me sentiria menos intimidada.

– Me enganou direitinho.

– Eu... A verdade é que eu não *quero comer o croissant de fato*. Eu só preciso dele pra uma... pra uma coisa.

Ele ergue a sobrancelha.

– Uma coisa?

– É uma longa história. – Coço meu nariz. – Um pouco constrangedora, na verdade.

– Entendi. – Ele contrai os lábios e faz que sim com a cabeça, pensativo. – Mais ou menos constrangedor do que você presumir que eu não falo inglês?

Sabe a morte rápida e violenta de que eu estava falando antes? Preciso dela agora.

– Eu sinto muito, *muito mesmo* por isso. De verdade, eu não...

– Cuidado.

Olho ao redor e entendo o aviso quando um cara quase me atropela passando de skate. É por um triz: segurando com uma das mãos o precioso croissant em relação ao qual claramente tenho sentimentos ambivalentes e com a outra a minha bolsa, quase perco o equilíbrio, e é aí que o Thor Corporativo intervém. Ele se move muito mais rápido do que qualquer um do seu tamanho deveria ser capaz de fazer e desliza entre mim e o Cara do Skate, amparando-me com uma das mãos em volta do meu bíceps.

Olho para ele, quase sem fôlego. Ele é alto como uma cordilheira da Groenlândia, empurrando-me um pouco contra a vitrine da barbearia da esquina, e acho que salvou minha vida. Minha vida profissional, claro. E agora também minha vida como um todo.

Ai, merda.

– Que manhã é essa? – murmuro para ninguém.

– Você está bem?

– Sim. Quer dizer, estou obviamente rolando ladeira abaixo em sofrimento e vergonha, mas...

Ele mantém os olhos em mim. Sua expressão é séria, sem sorrir, mas, por uma fração de segundo, um pensamento passa pela minha cabeça.

Ele está se divertindo. Ele me acha engraçada.

É uma impressão passageira. Dura um breve momento e se dissolve no instante em que ele solta meu braço. Mas não acho que imaginei coisas. Tenho quase certeza de que não, por causa do que acontece a seguir.

– Eu acho – diz ele, sua voz mais deliciosa do que os croissants de Faye jamais poderiam ser – que iria gostar de ouvir sua longa e constrangedora história.



Capítulo Três

PRESENTE

Tenho quase certeza de que o elevador está encolhendo.

Nada drástico, na verdade. Mas calculo que, a cada minuto que passamos aqui, ele diminui alguns milímetros. Eu me enfiei em um canto, com os braços ao redor das pernas e a testa nos joelhos. Da última vez que olhei para cima, Erik estava no canto oposto, aparentando tranquilidade, com as pernas de um quilômetro esticadas à sua frente e os bíceps da espessura de uma sequoia cruzados no peito.

E, claro, as paredes estão pairando ameaçadoramente sobre mim. Aproximando-nos cada vez mais. Eu estremeço e praguejo contra a falta de energia. Contra as paredes. Contra Erik.

Contra mim mesma.

– Está com frio? – pergunta ele.

Ergo a cabeça. Estou usando meu look de trabalho de sempre: calça de sarja e uma blusa bonita. Cores sólidas e neutras. Profissional o suficiente para ser

levada a sério; recatada o suficiente para convencer os caras com quem me relaciono por conta do trabalho de que minha presença em qualquer reunião serve para avaliar a eficácia do projeto do sistema de biofiltração, e *não* para lhes proporcionar “algo bonito de se ver”. Ser mulher no mundo da engenharia pode ser muito, muito divertido.

Erik, porém... Erik está um pouco diferente. Ele está vestindo uma calça jeans e um suéter escuro e felpudo que se estica ao longo do peito, e isso parece incomum, já que antes eu só o via de terno. Se bem que eu só vi Erik duas vezes antes disso, tecnicamente no mesmo dia.

(Isso se não contarmos as vezes no mês passado que o vi de relance próximo ao prédio e prontamente me virei para mudar de direção – o que de fato não conta.)

Ainda assim, não posso deixar de me perguntar se o motivo para ele estar vestido de maneira atipicamente informal é ter trabalhado em campo. Fazendo supervisão. Consultoria. Talvez ele tenha sido chamado para dar recomendações sobre o projeto Milton e... Enfim. Vou parar por aqui.

Estico e endireito os ombros. Minha mágoa por Erik Nowak, o sentimento que tenho guardado no bolso feito um ratinho nas últimas três semanas, aquele que tenho alimentado com bile e sobras, é despertado. E, para ser sincera, a sensação é boa. Familiar. Ela me lembra de que Erik *não* se importa de fato se eu estou com frio ou não. Aposto que ele tem segundas intenções ao fazer essa pergunta. Talvez queira vender meus órgãos. Ou talvez esteja planejando definir que o canto do xixi será sobre o meu cadáver apodrecido.

– Estou bem – respondo.

– Tem certeza? Posso te dar o meu suéter.

Por um segundo eu o imagino tirando o suéter e o entregando para mim. Eu já o vi fazer isso antes, portanto nem preciso ter muita imaginação. Lembro-me bem da maneira como ele agarrou o colarinho e puxou a peça pela cabeça, seus músculos se flexionando e contraindo, a expansão repentina da pele pálida...

Ele estenderia o suéter para mim, e a roupa ainda estaria quente. Talvez até tivesse o cheiro da pele dele, ou mesmo de seus lençóis.

Uau. Uau, uau, *uau*. O que *foi* isso? Estou neste elevador há aproximadamente nove minutos e meu cérebro já está desenvolvendo buracos feito um queijo suíço. *Está se controlando bem, Sadie Grantham. Parabéns pela*

sua força emocional. Por sentir tesão por uma pessoa verdadeiramente horrível.

– Não precisa – digo, balançando a cabeça de um jeito um pouco ansioso. – Tem certeza de que a gente espera? Tipo... Não faz nada e só espera?

Ele assente calmamente, deixando claro que não é difícil para ele levar a situação numa boa, que a ideia de ficar preso comigo não o incomoda nem um pouco e que, ao contrário de certas pessoas, não está tentado a enterrar o rosto nas mãos e chorar. Exibido.

– E se a gente gritar? – sugiro.

– Gritar?

– Sim, e se a gente gritar? Esse prédio é gigante. Alguém vai acabar ouvindo, certo?

– Às onze da noite de uma sexta-feira? – A resposta dele é muito mais gentil do que minha pergunta idiota merece. – Gritos de um elevador preso entre dois andares? *Este* elevador?

Eu desvio o olhar. Ele está certo. Frustrantemente certo. Este maldito elevador em que estamos fica na parte mais isolada do edifício, próximo a um corredor pelo qual ninguém passaria à noite. Uma verdadeira tragédia, ofuscada apenas pelo fato de também ser o elevador mais estreito que já vi na vida. Visitantes e clientes raramente o utilizam, e é por isso que ele oferece a vantagem de ser mais rápido – e a desvantagem de ser pequeno.

Minúsculo, na verdade. Eu sabia que era apertado, mas nada como imaginar que este pode ser o lugar onde vou morrer para me dar conta do *quão* minúsculo ele é. Se eu esticar os braços, vou esbarrar em Erik. Se eu esticar as pernas, vou esbarrar em Erik. Se eu me debater no chão como quero desesperadamente, *também vou* esbarrar em Erik. Que dilema.

– Você está bem? – pergunta ele com ternura.

Seus olhos parecem ternos também. Uma bola de algo que não consigo distinguir se forma no meu peito.

– Estou.

– Aqui. – Ele revira sua bolsa por um momento. Então estende algo para mim. – Toma um pouco d'água.

Não sei por que aceito sua garrafa de água da Liga de Futebol Amador de Nova York 2019. Não sei por que meus dedos roçam os dele por um brevíssimo momento. E não sei por que, enquanto bebo pequenos goles, ele me observa com

algo que lembra preocupação.

Ele não está *realmente* preocupado, porque Erik Nowak não é esse tipo de cara. Que tipo de cara ele é de verdade? Um traidor. Um mentiroso. Um robô sem coração que valoriza apenas o próprio sucesso profissional. Um torcedor do F. C. Copenhagen – que, me agrada dizer, é um time de futebol medíocre na melhor das hipóteses. Sim, foi exatamente o que eu disse.

– Você está melhor?

– Eu já disse que estou bem. Estou ótima.

– Você está pálida. – Ele inclina a cabeça, como se quisesse me observar melhor. – É claustrofóbica?

– Não. Acho que não.

Mas será que eu sou? Isso explicaria muita coisa. As paredes se fechando. Essa sensação nauseante no estômago. A forma como adoraria sair arranhando as paredes deste lugar com as unhas por ele ser tão pequeno, por Erik ocupar tanto espaço dentro da minha cabeça e por eu conseguir sentir o cheiro do sabonete dele. Eu só queria esquecer tudo a respeito dele, e talvez achasse que tivesse esquecido, mas agora *ele está aqui e tudo está voltando, e eu...*

– Sadie. – Erik está olhando para mim como se soubesse exatamente que tipo de espiral está se desenrolando no meu cérebro. – Respira fundo.

– Eu sei. Eu estou respirando fundo.

Ou talvez eu não estivesse. Porque agora, com um pouco de ar nos pulmões, meu cérebro está ficando um pouquinho mais quieto.

– É a primeira vez que isso acontece com você?

Olho para ele e só pisco.

– Respirar?

Ele dá um sorriso fraco. Como se não se importasse com o fato de que vamos morrer aqui.

– Ficar presa num elevador.

– Ah. Sim. – Reflito por um instante. – Peraí, não é a sua primeira vez?

– Terceira.

– *Terceira?*

Ele faz que sim com a cabeça.

– Rogaram uma praga contra você ou coisa assim?

– Estou vendo que as suas superstições estão se fortalecendo – diz ele,

claramente implicando comigo, e a ideia de que ele acha que me *conhece*, o fato de depois de tudo que aconteceu ele se sentir autorizado a *brincar* comigo...

Fecho a cara.

E, a julgar pela expressão de Erik, ele percebe.

– Sadie...

– Eu estou bem – interrompo. – Juro. Mas será que a gente pode, por favor, ficar em silêncio? Só um pouquinho?

Odeio o modo como minha voz soa fraca.

Pouso a garrafa d'água no chão e enterro o rosto nos joelhos de novo. Ouço ele soltar o ar com força, em meio ao silêncio tenso e desconfortável que cai entre nós, e tento não pensar na última vez que estive com ele.

Quando eu não queria parar de falar nunca, nem por um segundo.



Capítulo Quatro

TRÊS SEMANAS ATRÁS

Tenho uma reunião de apresentação daqui a uma hora, uma pequena montanha de gigabytes de arquivos para revisar e a certeza de que meus estagiários estão neste momento dezoito andares acima de mim tentando entender se os abandonei para ingressar em alguma seita ou se fui sequestrada por um Pé Grande urbano. Mas não consigo deixar de olhar para a boca do Thor Corporativo enquanto ele me diz, com naturalidade:

- Fachada pra lavagem de dinheiro.
- Mentira!

Ele dá de ombros. Estamos sentados lado a lado em um banco em um pequeno parque que fica bem atrás do meu prédio. O sol está brilhando, os pássaros estão cantando, já avistei pelo menos três borboletas, e ainda assim continuo vagamente intimidada pelo tamanho dele. E por suas maçãs do rosto.

- É a única explicação possível.
- Mordo o lábio, refletindo.

– Será que Faye não é só, tipo... uma confeitadeira muito ruim?
– Sem dúvida ela é. O café também é questionável.
– Lembra bastante fluido de freio – admito.
– Sempre pensei em fluido de radiador. A questão é que ela já estava aqui dez anos atrás, quando comecei a trabalhar naquele prédio, e vai estar aqui muito depois que você e eu formos embora. Apesar disso. – Ele aponta para o croissant que ainda estou segurando. Eu deveria apenas aceitar o inevitável e comê-lo de uma vez. O suor da minha mão não vai deixá-lo mais saboroso. – Não existe nenhuma razão comercial válida para o negócio dela ainda estar de pé.

Concordo com a cabeça, pensativa. Pode ser que o argumento dele faça sentido.

– Tirando a lavagem de dinheiro e as ligações com o crime organizado?
– Exatamente.

Certo, o inglês dele pode ser perfeito, mas estou começando a captar um leve sotaque estrangeiro. Quero fazer um milhão de perguntas a esse respeito, um desejo que compete diretamente com o de não parecer esquisita. Um objetivo ousado, já que sou, de fato, esquisita.

– Entendo sua teoria. Mas... escuta só. – Eu tiro a franja dos olhos. A expressão de Erik não muda um nanômetro, mas sei que ele está ouvindo. Tem alguma coisa nele, como se sua atenção fosse algo fisicamente tangível, como se ele fosse bom em ver, ouvir e *saber as coisas*. – Então... Se lembra do que eu falei sobre o meu... problema?

– O das crendices? Que faz você acreditar que seu sucesso profissional está relacionado ao que comeu no café da manhã?

Não acredito que *admiti* isso para alguém. Meu Deus, ele já sabe que eu sou esquisita – embora aparentemente esteja levando numa boa, o que lhe dá algum crédito.

– Tá bem, olha só, eu sei que parece que vivo absolutamente agarrada a resquícios atávicos dos tempos antigos.

– Parece?

Ele ergue uma sobrancelha.

Acho que estou corando.

– Gosto de pensar nisso mais como... uma forma de me envolver com alguma coisa e celebrar as tradições dos meus sucessos anteriores, sabe? E menos

como estabelecer uma conexão causal empírica entre a cor da minha calcinha e acontecimentos futuros.

– Entendo. – O canto de sua boca se contrai para cima. Só um pouco; ainda não é um sorriso. Talvez ele não seja capaz de sorrir. Talvez tenha uma condição médica incapacitante. Sorrisopatia, com CID-10 e tudo. – Muito bem, e qual é a sua cor da sorte?

– Oi?

– De calcinha.

– Ah. É... lavanda.

Ele parece confuso por um momento.

– Roxo?

– É, mais ou menos. – Esqueci que a maioria dos homens não é capaz de nomear mais de cinco cores. – Um pouco mais claro. Entre o roxo e o rosa. Um tom meio pastel.

Ele balança a cabeça lentamente, como se estivesse tentando visualizar.

– Cor bonita – diz ele, e seu tom é simples e direto, como tem sido nos últimos minutos.

Não há nenhuma lascívia bizarra; foi mais como se ele estivesse elogiando uma flor ou um cachorrinho. Mesmo assim, meu coração dá um pulo.

Será que ele...? Se ele me visse usando minha... Mesmo assim ele pensaria que...?

Ai, meu *Deus*. Qual é o meu problema? Este pobre coitado acabou de me dar seu *croissant*.

– Enfim – apresso-me a acrescentar –, talvez tenha um monte de gente comprando croissants de boa sorte, porque eu não estou sozinha na minha... crendice... Boa forma de definir, aliás. Por exemplo, minha amiga Hannah trabalha na Nasa e conta que os engenheiros de lá passaram os últimos, tipo, cinquenta anos seguindo umas superstições complexas envolvendo amendoins e lançamentos espaciais. E eu sou engenheira. No fundo, sou profissionalmente obrigada a...

– Você é engenheira?

Os olhos dele se arregalam de surpresa.

Meu coração se aperta de decepção. *Ah, meu Deus. Ele é desses. Não posso acreditar.*

Fecho a cara e me levanto do banco, olhando para ele com uma carranca.

– Fique sabendo que, nos Estados Unidos, quinze por cento da força de trabalho da engenharia é composta por mulheres. E esse número não para de crescer, então não precisa ficar tão chocado com...

– Eu não estou chocado.

Minha cara se fecha ainda mais.

– Você com certeza parecia...

– É que eu também sou engenheiro, e me pareceu uma grande coincidência.

– Ah. – Minhas bochechas queimam. – Ah. – Uau. *Gente, a babaca sou eu, então? Olha, meio que é, Sadie.* – Desculpa, eu não quis insinuar...

– Onde você estudou? – pergunta ele, imperturbável, puxando meu punho até eu me sentar de novo.

Acabo ficando um pouco mais perto dele do que antes, mas beleza. Está tudo bem. *Siri, quantas vezes sou capaz de me humilhar completamente no intervalo de trinta minutos? Infinitas, você diz? Obrigada, foi o que imaginei.*

– É... Na Caltech. Terminei o doutorado ano passado. E você?

– Na NYU. Fiz o mestrado uns... dez, onze anos atrás.

Nós nos encaramos: eu calculando sua idade, ele... Não sei. Talvez ele esteja calculando também. Ele deve ser seis ou sete anos mais velho que eu. Não que isso seja relevante em qualquer aspecto. Estamos apenas conversando. Vamos seguir caminhos separados daqui a doze segundos.

– Onde você trabalha? – pergunta ele.

– Na GreenFrame. E você?

– Na ProBld.

Torço o nariz, reconhecendo imediatamente o nome – tanto das placas no saguão do prédio quanto das fofocas no mundo da engenharia em Nova York. Existem muitas empresas nessa área, e ele trabalha na que eu menos gosto. A grande água-viva que continua se expandindo à medida que come as águas-vivas menores. Não que eles não sejam bons – eles são. Apenas são tradicionais e não focam em sustentabilidade tanto quanto nós. Mas têm uma reputação sólida, e alguns de nossos clientes em potencial até optam por eles em vez de nós por causa disso. Argh.

– Você fez cara de nojo quando eu disse o nome da minha empresa?

– Não. Não! Quer dizer, sim. Um pouco. Mas não quis ofender. Eles só

parecem não aplicar uma abordagem de sistemas integrais pra solução de problemas ao lidar com desafios ambientais... – Os olhos dele brilham. Ele está gozando com a minha cara? O Thor Corporativo *faz isso com as pessoas*? – Tipo, neste momento eu estou mais de vinte minutos atrasada pro trabalho. Sendo bem realista, provavelmente vou ser demitida e acabar implorando um emprego pra vocês.

Ele assente, os lábios contraídos.

– Que bom. Eu tenho uma boa relação com os sócios.

– Ah, é?

– Tenho certeza de que eles adorariam ter você na equipe. Pra desenvolver uma abordagem de sistemas integrais pra solução de problemas ao lidar com desafios ambientais. – Mostro a língua, mas ele me ignora. – Que nome devo dar ao recomendar você?

– Ah... Sadie Grantham.

Estendo a mão sem croissant. Ele olha para ela por um longo momento, e eu, de repente, inexplicavelmente, sinto um medo avassalador. Ah, meu Deus. E se ele não retribuir?

Ei, Sadie?, uma voz sábia, má e pragmática sussurra em meu ouvido. *E se um estranho não apertar a sua mão? Como você vai lidar com o impacto zero ponto zero que isso terá na sua vida?* Mas a voz é irrelevante, porque ele retribui, e meu coração se acelera com a sensação agradável de sua pele, rígida e um pouco áspera. Sua mão engole meus dedos, aquecendo minha carne e os anéis bonitinhos e baratos que coloquei hoje de manhã.

– Prazer em te conhecer, Dra. Grantham. – Fico sem fôlego. Meu coração derrete. Terminei o doutorado há menos de um ano, então ainda fico toda boba ao ser chamada de doutora. Especialmente porque ninguém nunca me chama assim. – Erik Nowak.

Bem, ninguém exceto Erik Nowak.

Erik Nowak.

– Posso te perguntar uma coisa um pouco inapropriada?

Ele balança a cabeça, devagar, solenemente, e diz:

– Infelizmente, não estou usando cueca roxa.

Dou risada.

– Não, é que... Tem aquelas letras elegantes no seu sobrenome?

Deixo escapar a pergunta e imediatamente me arrependo. Nem sei ao certo o que estou perguntando.

– Tem um *n*. E um *w*. São consideradas letras elegantes?

Na verdade, não. Bem sem graça.

– Claro.

Ele assente.

– E o *k*? – indaga ele. – É a minha letra favorita.

– É... Sim. É elegante também.

Sem graça também.

– Mas com certeza o *a* não é.

– É... Bem, acho que o *a* é...

Sua boca está se contorcendo. Outra vez. Ele está me zoando. *De novo*. Eu odeio esse cara.

– Vai te catar – digo sem nenhuma emoção.

Ele está *quase* sorrindo.

– Sem tremas. Sem diacríticos. Nada de Møller. Nem Kiærskou. Nem Adelsköld. Embora eu tenha frequentado a escola com todos eles. – Faço que sim com a cabeça, levemente decepcionada. Até que ele pergunta: – Decepcionada?

Então a única coisa que consigo fazer é me esconder atrás do meu croissant e rir. Quando paro, ele *definitivamente* está sorrindo e diz:

– Você realmente deveria comer isso. Ou vai acabar perdendo seu cliente, e o próximo foguete da Nasa vai explodir.

– Aham, claro. – Tiro um pedaço. Estendo para ele. – Quer um pouco? Não me importo de dividir com você.

– Jura? Você não se importa de dividir meu próprio croissant notoriamente horrível comigo?

– O que posso dizer? – Sorrio. – Sou uma alma generosa.

Ele balança a cabeça. E então acrescenta, como se tivesse acabado de lhe ocorrer:

– Conheço um bistrô francês muito bom.

Meu corpo inteiro se anima.

– Ah, é?

– Eles têm uma padaria também.

Sinto meu corpo se animar *e* formigar.

– É mesmo?

– Fazem uns croissants excelentes. Eu vou bastante lá.

O sol ainda está brilhando, os pássaros ainda estão cantando, até agora avistei cinco borboletas e... o ruído ao fundo diminui lentamente. Olho para Erik, noto a forma como a sombra das árvores cai em seu rosto, observo-o com a mesma intensidade com que ele me observa.

Ao longo da vida, já fui convidada “para beber alguma coisa” por um número suficiente de conhecidos aleatórios para achar que talvez, apenas *talvez*, eu seja capaz de saber aonde ele está querendo chegar. E, ao longo da vida, eu quis recusar o convite de cada um desses conhecidos aleatórios, e é por isso que aprendi a evitar que a pergunta seja feita. Sou boa em transmitir desinteresse e indisponibilidade. Muito, muito boa.

E, no entanto, cá estou eu.

Em um banco de Nova York.

Segurando um croissant.

Prendendo a respiração e... na expectativa?

Vai, me convida, penso, olhando para ele. *Porque quero conhecer esse bistrô francês que você mencionou. Com você. E falar mais sobre lavagem de dinheiro e uma abordagem de sistemas integrais para engenharia ambiental e cuecas e calcinhas roxas que na verdade são cor de lavanda.*

Me convida, Erik Nowak. Me convida, me convida, me convida, me convida.

Há carros à distância, pessoas rindo e e-mails se acumulando na minha caixa de entrada, dezoito andares acima de nós. Mas meus olhos se mantêm fixos nos de Erik por um longo, prolongado momento, e, quando ele sorri para mim, percebo que seus olhos são tão azuis quanto o céu.



Capítulo Cinco

PRESENTE

De acordo com a placa acima do painel dos andares (que, a propósito, não inclui um botão de emergência; estou redigindo mentalmente um e-mail contundente que provavelmente jamais será enviado), o elevador suporta 630 quilos. O interior, eu estimo, tem cerca de 1,5 metro quadrado, sendo que noventa por cento disso é inconvenientemente ocupado por Erik. Um corrimão de inox está instalado no lado interno, e as paredes são realmente muito bonitas, com revestimento branco esmaltado ou algo do tipo, o que talvez deixe a decoração um pouco datada, mas é muito melhor do que espelhos. Eu odeio espelhos em elevadores, e eu os odiaria ainda mais *neste* elevador – seria três vezes mais difícil evitar vislumbres de Erik.

No teto, entre as duas lâmpadas embutidas de baixo consumo (assim espero) que no momento estão apagadas, notei um grande painel de metal. E é nele que tenho fixado meu olhar ao longo do último minuto. Não sou especialista em elevadores, mas tenho quase certeza de que a saída de emergência é ali.

Considerando que tenho 1,50 metro de altura, acredito que Erik meça entre 1,90 e 2 metros. Com base nisso, estimo que o elevador tenha 2,15. Alto demais para eu alcançar sozinha e muito longe da parede para que eu possa usar o corrimão como apoio para fincar os pés. *Mas* tenho certeza de que Erik poderia facilmente me levantar. Tipo, ele já fez isso antes. Em várias ocasiões no espaço das 24 horas que passamos juntos. Como quando ficamos com fome no meio da noite: ele me ergueu como se eu fosse um gatinho de dois quilos e me colocou na bancada da cozinha enquanto eu me impressionava com sua bela geladeira abarrotada de coisas, e então começou a inspecionar as inúmeras sobras de comida chinesa antes de compartilhá-las comigo. Sem mencionar aquela *outra* vez, quando estávamos no chuveiro dele e ele passou uma mão por baixo da minha bunda para me imprensar contra a parede e...

A questão é: ele poderia me ajudar a chegar ao painel. Eu iria abri-lo, sair do elevador e, se estivéssemos perto o suficiente do andar de cima, eu conseguiria abrir as portas e sair. A essa altura, eu estaria livre. Livre para ir embora e alimentar Ozzy em casa, porque ele sem dúvida está chiando feito um louco como sempre faz quando passa mais de duas horas sem comer. Ele olharia para mim como se eu fosse uma péssima mãe e então, relutantemente, aceitaria o palito de cenoura da minha mão e se aconchegaria no meu colo. E, claro, depois que o sinal do meu celular voltasse, eu pediria ajuda para que alguém viesse cuidar de Erik. Mas não ficaria por aqui para vê-lo sair, porque para mim já basta de...

– Não.

Eu me sobressalto e olho para Erik. Ele ainda está no canto oposto ao meu, me encarando.

– Não o quê?

– Isso não vai acontecer.

– Você nem sabe o que...

– Você não vai usar a saída de emergência.

Eu praticamente me encolho, porque, apesar de minhas tendências supersticiosas, estou ciente de que esse negócio de ler mentes não existe. No entanto, também estou ciente de que esta não é a primeira vez que Erik parece saber exatamente o que está se passando na minha cabeça. Ele foi muito bom nisso durante o nosso jantar. E depois, claro. Na cama.

Mas nesta casa (ou seja, meu cérebro) não admitimos isso.

– Bem – digo –, você é muito maior e muito mais pesado. Então não tem como você passar por ali.

Além disso, não sei se confio que ele não vai me largar aqui. Eu confiei nele antes e me arrependi amargamente.

– Nem você, porque eu não vou deixar.

Franzo a testa.

– Talvez eu consiga alcançar a saída sozinha. Nesse caso, você tecnicamente não tem que *deixar* nada.

– Se você tentar, eu vou te impedir.

Eu odeio esse cara. Muito.

– Olha só, e se a gente passar dias presos aqui dentro? E se a nossa única chance for eu sair por ali?

– Não tem nada que garanta que o elevador não vai se movimentar no segundo em que a luz voltar. Estamos aqui há uma meia hora, o que não é nada, considerando que a equipe de manutenção provavelmente está trabalhando na rede pra reverter o apagão que aconteceu no quarteirão inteiro. Sem falar que seria extremamente *perigoso* fazer o que você está sugerindo.

Ele tem razão. Estou sendo impaciente e irracional, o que me deixa nervosa.

– Eu... Só pra mim.

Seu rosto se transforma em pedra.

– Só pra você?

– Você estaria seguro aqui. Bastaria esperar que eu pedisse ajuda e...

– Acha que eu ficaria de boa vendo você se colocar em risco?

Via de regra, Erik não é exatamente um cara caloroso e sociável, mas eu não fazia ideia de que ele poderia soar assim: supostamente calmo, mas com uma fúria intensa e fria. Ele se inclina para a frente, como se quisesse me encarar melhor, e agarra o corrimão, os nós dos dedos brancos de tanta força aplicada. Tenho uma breve visão dele partindo o corrimão em dois.

A raiva dele me faz ficar ansiosa, o que por sua vez me deixa com raiva. Então eu me inclino para a frente também.

– Não vejo motivo pra não ficar.

– Jura, Sadie? É isso mesmo? Você acha que eu ficaria bem em deixar que *você, logo você...* – Ele desvia o olhar abruptamente, a mandíbula tensa, um

músculo tremendo na bochecha. Percebo que seu cabelo está mais curto do que quando o toquei. E acho que ele pode ter perdido um pouco de peso. E eu não consigo, eu realmente *não consigo* lidar com a constatação de como ele é bonito. – Você prefere mesmo fazer algo tão idiota e imprudente a ficar aqui comigo por mais alguns minutos? – pergunta ele, voltando-se para mim, a voz gélida e calma de novo.

Claro que não, quase deixo escapar. Eu não sou a mocinha idiota de filme de terror que segue a placa PARA MORRER, VÁ POR ALI só para no final ficar boquiaberta quando o assassino arranca sua perna com um machado. Geralmente sou uma pessoa responsável e sensata – *geralmente* é a palavra-chave, porque agora estou meio tentada a me jogar no colo amoroso de um assassino em série empunhando um machado.

Meu lado racional sabe que Erik tem razão: não ficaremos presos aqui por muito tempo, e alguém está prestes a nos resgatar. Mas então me lembro de como me senti traída e decepcionada nos dias depois de ele fazer o que fez. Lembro-me de chorar ao telefone com Mara. Chorar ao telefone com Hannah. Chorar ao telefone com Mara e Hannah.

Estar aqui com ele parece tão imprudente quanto qualquer outra coisa, para ser franca. E é assim que me pego dando de ombros e dizendo:

– Tipo isso.

Fico esperando que Erik sinta raiva de novo. E que depois me diga que estou sendo boba. Que ele faça uma daquelas piadas sarcásticas que me fizeram rir todas as vezes. Em vez disso, ele me pega de surpresa: desvia o olhar, parecendo culpado. Então ele pressiona os olhos com o indicador e o polegar, como se de repente estivesse completamente exausto, e murmura baixinho:

– Caramba, Sadie. Me desculpa.



Capítulo Seis

TRÊS SEMANAS ATRÁS

Eu não tenho nenhum ritual supersticioso quando se trata de relacionamentos amorosos.

E juro que não estou dizendo isso para me gabar. Existe uma razão simples pela qual não convenci a mim mesma de que preciso tomar um suquinho Capri Sun ou fazer sete polichinelos antes de sair em um encontro: eu não fico com ninguém. Nunca. Mas já namorei, claro. Muito tempo atrás. Com Oscar, o Amor da Minha Vida.

Como Hannah costuma observar, é um pouco estranho que eu me refira a ele como o “Amor da Minha Vida”, o cara que conheceu outra mulher em um retiro corporativo de cientistas de dados e duas semanas depois me ligou aos prantos para me dizer que estava apaixonado por ela. E, juro, eu entendo a estranheza. Mas minha história com Oscar é antiga. Foi com ele que dei meu primeiro beijo (de língua), quando estávamos no segundo ano do ensino médio. Ele foi meu par no baile de formatura, a primeira pessoa fora da família com quem viajei nas

férias, foi no ombro dele que chorei quando ele soube que tinha sido aceito na faculdade dos seus sonhos no Meio-Oeste, a sete estados de distância de mim.

Na verdade, conseguimos fazer o relacionamento à distância dar certo ao longo de quatro anos durante a faculdade. E conseguimos passar os verões juntos, a não ser nos momentos em que eu estava fazendo algum estágio, o que aconteceu... Bem, sim, em todos os verões, tirando o do primeiro ano, e tive aquele treinamento de programação na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, então, é... Sim, todos os verões. Então, talvez não tenhamos passado nenhum verão juntos, mas acabei com um currículo incrível, e isso foi ótimo. Melhor, até.

Quando nos formamos na faculdade, Oscar recebeu uma proposta de emprego em Portland, e eu *ia* acompanhá-lo e procurar algo por lá, mas passei no programa de doutorado da Caltech, uma oportunidade boa demais para deixar passar. Eu realmente achei que poderíamos manter mais cinco anos de namoro à distância, porque Oscar era um cara legal e *muito* paciente e compreensivo – até o começo do meu terceiro ano. Até o dia que ele me ligou por chamada de vídeo chorando porque havia conhecido outra pessoa e não tinha escolha a não ser terminar comigo.

Eu chorei. Stalkeei a nova namorada dele no Instagram. Tomei uma quantidade de sorvete Talenti equivalente ao meu peso (nos sabores trufa de caramelo salgado, *parfait* de framboesa e baunilha e, em uma noite particularmente constrangedora, *sorbet* de manga derretido em uma jarra do drinque Midori Sour; se arrependimento matasse...). Cortei meu cabelo curto, fazendo o que meu cabeleireiro apelidou de *o corte long bob mais longo da história dos bobs*. Eu não suportava ficar sozinha, então por uma semana dormi na cama da Mara, porque Hannah se mexe demais e tenho certeza de que ela só trocou os lençóis duas vezes nos cinco anos em que moramos juntas. Passei dez dias absurdamente mal, de coração partido. E depois...

Depois eu meio que fiquei bem.

Sério, considerando que Oscar e eu estávamos juntos havia quase uma década, minha reação ao término unilateral foi nada menos que milagrosa. Tirei a nota máxima em todas as matérias e na minha pesquisa de laboratório, passei o verão viajando de trem pela Europa com Mara e Hannah, e alguns meses depois fiquei chocada ao perceber que fazia semanas que eu não fuçava o Twitter da

namorada de Oscar. *Uau.*

– Será que não era amor de verdade? – me peguei perguntando às minhas amigas entre um e outro Midori Sour (sem *sorbet* de manga; eu havia recuperado minha dignidade a essa altura).

– Acho que existem muitos tipos de amor – disse Hannah. Ela estava sentada ao meu lado em nossa mesa favorita no Joe's, o bar frequentado pelos estudantes da pós-graduação mais próximo do nosso apartamento. – Talvez o seu com Oscar estivesse mais próximo do amor entre irmãos do que de algo parecido com um caso apaixonado entre almas gêmeas. E vocês ainda mantêm contato. Sabem que ainda se gostam como amigos, então seu cérebro entende que não tem necessidade de ficar na fossa por ele.

– Mas no começo eu fiquei arrasada, *totalmente* arrasada.

– Bem, eu não estou aqui pra te analisar...

– Você quer *muito* me analisar.

Hannah sorriu, satisfeita.

– Já que você insiste... Será que o que te deixou mais arrasada não foi a ideia de perder seu porto seguro, a pessoa que estava ao seu lado desde que vocês eram adolescentes e prometeu estar com você pra sempre, e não a ideia de perder o Oscar *de fato*? Será que ele não era uma espécie de muleta?

– Não sei – respondi, cutucando a cereja do meu drinque. – Eu gostava de ser namorada dele. Ele estava sempre tão... disponível, sabe? E, quando a gente estava longe um do outro, eu sentia falta dele, mas não muita. Era... fácil, eu acho.

– Será que não era fácil demais? – indagou Mara antes de roubar meu limão.

Desde então venho refletindo sobre essa pergunta.

Mas não houve ninguém depois de Oscar. Logo, tecnicamente ele ainda detém o título de Amor da Minha Vida, mesmo que dois meses atrás eu tenha recebido um convite para o casamento dele – uma pista bastante evidente de que eu não sou o Amor da Vida Dele.

Eu poderia ter saído mais, eu acho, principalmente durante o doutorado. Poderia ter tentado mais. “Quando uma porta se fecha, outra se abre”, diriam Hannah e Mara. “Agora você pode conhecer pessoas. Deixou passar tantos caras gatos nos últimos anos... Lembra daquele que a gente conheceu em Tucson? E aquele que sempre te convida para sair quando tem alguma conferência? Ah,

meu Deus, e o cara da dinâmica dos fluidos que estava obviamente apaixonado por você? Você devia falar com ele!”

Claro, sempre que o tópico da minha vida amorosa vem à tona – porque apontar o dedo é algo sagrado no pacto de amizade –, eu nunca hesito em ressaltar que, embora Hannah e Mara estejam solteiras desde que começaram o doutorado, elas praticamente não tiram proveito das incríveis oportunidades que têm de namorar alguém. Geralmente a conversa termina com Mara murmurando na defensiva que está muito ocupada e Hannah rebatendo que está dando um tempo nos relacionamentos, porque as duas últimas pessoas com quem ela transou foram Posso Gozar no seu Cabelo e a Garota da Caveira Humana na Mesinha de Cabeceira, e eles fariam qualquer uma perder o interesse em sexo. A discussão costuma terminar com nós três decidindo coletivamente que nenhum relacionamento jamais poderia competir com nosso emprego, nosso porquinho-da-índia ou... a Netflix, talvez?

Se a ideia de ficar debruçada sobre plantas de construções e projetos é mais atraente para mim do que me jogar na balada (o que quer que isso signifique; o que *é de fato* uma balada?), então talvez eu devesse apenas me relacionar com meus projetos. Não que as coisas não possam mudar, já que, para minha surpresa, no momento Mara está constrangedoramente apaixonada por seu Cara Anteriormente Babaca com Quem Divide a Casa.

Talvez as plantas e eu devêssemos formalizar nossa união estável. Quem vai me julgar?

Enfim, tudo isso para dizer: eu realmente não tive muitos encontros amorosos, e essa é a única razão pela qual não desenvolvi hábitos estranhos e ritualistas em torno do processo. Ou melhor, eu *não tinha desenvolvido*. Até agora.

Porque a noite começou há cerca de quinze minutos e estou achando que não vou tirar essa calça jeans preta nunca mais na vida. O suéter verde fininho que vesti? Não posso me desfazer dele. Nunca mais. Este é agora o meu traje da sorte para encontros. Porque, no segundo em que nos sentamos no bistrô, onde tudo tem um cheiro delicioso e nossa mesa estreita na janela tem a succulenta mais fofa, o celular de Erik emite um bipe.

– Desculpa. Vou deixar no silencioso. – Ele o faz, mas não antes de revirar os olhos. E isso foge tanto do seu ar estoico e impassível habitual que não posso

deixar de cair na gargalhada. – Por favor, não brinque com meu sofrimento – diz ele, ocupando a cadeira em frente à minha.

Não sei como, mas sei que ele está brincando. Talvez eu esteja desenvolvendo poderes telepáticos.

– Trabalho? – pergunto.

– Quem me dera. – Ele balança a cabeça, resignado. – Coisas muito mais sérias.

Ah. Talvez ele não estivesse brincando.

– Está tudo bem?

– Não. – Ele põe o celular no bolso e se recosta na cadeira. – Meu irmão mandou uma mensagem dizendo que meu time acabou de negociar um dos nossos melhores jogadores. Nunca mais vamos ganhar uma partida.

Eu sorrio enquanto bebo um gole d'água. Nunca me interessei muito por futebol americano. Parece meio chato – um bando de caras grandes demais usando ombreiras estilo anos 1980 e batendo cabeças umas contra as outras rumo à encefalopatia traumática crônica –, mas eu sou louca demais por futebol para julgar os fãs de outros esportes. Talvez Erik jogasse quando era mais jovem. Ele tem porte para isso, eu acho.

– Então eles realmente deveriam investir em cuecas da sorte.

Ele me lança um olhar demorado.

– Roxas.

– Lavanda.

– Certo – diz ele e desvia o olhar.

É agradável estar aqui. Tem uma pessoa na minha frente que não é Oscar, e não estou nervosa além da conta nem muito mais esquisita do que o normal. Apesar de Erik ser uma montanha loura de músculos de aço, é surpreendentemente fácil estar perto dele.

– Qual é o seu time? Giants? Jets?

Ele balança a cabeça.

– Não é esse tipo de futebol.

Eu inclino a cabeça.

– É tipo uma liga menor?

– Não, é futebol europeu. Futebol mesmo, não futebol americano. Mas nós não precisamos falar sobre...

Eu quase cuspo a água.

– Você curte futebol?

– O bastante pra ser digno de uma intervenção, de acordo com a minha família e os meus amigos. Mas não se preocupe, eu converso sobre outros assuntos. Tipo produtos de confeitaria. Ou a implementação da tecnologia de fábricas inteligentes na prática. Ou... Acho que isso é tudo.

– Não! Não, eu... – Não sei nem por onde começar. – Eu *amo* futebol. Tipo, amo *mesmo*. Fico acordada até altas horas pra assistir aos jogos dos campeonatos europeus. Meus pais sempre me dão camisas de time no meu aniversário porque esse é literalmente meu único interesse. Fui pra faculdade com uma bolsa esportiva pelo time de futebol.

Ele franze a testa.

– Eu também.

– Mentira!

Nós nos encaramos por um longo instante, um milhão de palavras trocadas através do contato visual. *Impossível. Incrível. Sério? Sério mesmo?*

– Você jogava?

– Ainda jogo. Nas terças à noite e nos fins de semana, principalmente. Existem muitos clubes amadores aqui.

– Eu sei! Às quartas eu jogo numa quadra perto de casa, e... Ser jogadora de futebol era a minha primeira opção de carreira. O doutorado em engenharia era definitivamente meu plano B. Eu queria muito, muito ter jogado na liga profissional.

– Mas...?

– Eu não era boa o bastante.

Ele assente.

– Eu queria muito ter jogado na liga profissional também.

– O que te impediu?

Ele ri. O som me envolve como um abraço.

– Eu não era bom o bastante.

Dou risada também.

– Então, qual é o seu time e quem eles negociaram?

– F. C. Copenhagen. E eles dispensaram o...

– Não me diz que foi o Halvorsen.

Ele fecha os olhos.

– Halvorsen.

Eu faço uma careta.

– É, vocês nunca mais vão ganhar nenhum jogo, nem com todas as cuecas roxas do mundo. Mas não iriam muito longe nem *com* ele, de qualquer maneira. Sinceramente, vocês precisam de um técnico melhor. Sem querer ofender.

– Já ofendendo.

Ele está irritado.

– Você também acompanha o futebol feminino? – pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Sou um orgulhoso torcedor do OL Reign desde 2012.

– Eu também! – digo com um sorriso. – Então você não tem mau gosto pra tudo.

– Qual é o *seu* time masculino?

Um sulco charmoso aparece entre suas sobrancelhas.

Pouso o queixo nas mãos.

– Adivinha. Vou te dar três chances.

– Aceito qualquer clube menos o Real Madrid.

Continuo com as mãos no queixo, imperturbável.

– É o Real Madrid, né?

– É.

– Que absurdo.

– Você só está com inveja porque nós *conseguimos* comprar jogadores decentes.

– Claro. – Ele dá um suspiro e me entrega um dos cardápios que eu nem notei que o garçom havia deixado. – Vou precisar de comida pra ter essa conversa. E você também.

Passamos o resto da noite discutindo, e é... fantástico. Maravilhoso. Suspeito que a comida seja tão boa quanto ele prometeu, mas não presto muita atenção, porque Erik tem opiniões incrivelmente equivocadas sobre a forma como o Orlando Pride está usando Alex Morgan e sobre a trajetória do Liverpool na Premier League, e devo dedicar todos os meus esforços para fazê-lo mudar de ideia.

Não tenho sucesso. Ele mantém suas opiniões equivocadas e

sistematicamente passa pelo pão do couvert, depois pela entrada e depois pelo prato principal como um homem acostumado a fazer sete grandes refeições por dia. No fim, quando nossos pratos estão limpos e eu estou cheia demais para discutir com ele sobre as regras de impedimento, nós dois nos recostamos na cadeira e ficamos em silêncio por um instante.

Estou sorrindo. Ele... não está sorrindo, mas quase, e isso me faz sorrir ainda mais.

Talvez esse tenha sido o momento mais divertido que tive em alguns anos. Tá, mentira: eu *sei* que foi.

– Aliás, como foi? – pergunta ele baixinho.

– O quê?

– Sua apresentação.

– Ah. Foi boa, eu acho.

– Graças ao croissant da Faye?

Abro um sorriso largo.

– Sem dúvida. E à minha calcinha lavanda.

Ele baixa os olhos e pigarreja.

– Quem é o cliente?

– Uma cooperativa. Eles estão construindo um centro de recreação em Nova Jersey e buscando consultores. Compraram uma antiga mercearia pra transformar em uma espécie de academia e querem alguém que ajude com o projeto.

– Você?

– E a minha chefe. Embora dois dos filhos dela estejam sofrendo com cólicas, então, por enquanto, principalmente eu.

– O que você disse pra eles?

– Mostrei meus planos de autossuficiência energética, padrões ecológicos de construção, gerenciamento inteligente de água, minimização de emissão de gases... Essas coisas. Eles disseram que querem uma abordagem sustentável.

– E quais são os seus planos?

Faço uma pausa antes de continuar. Não quero entediar Erik e... *todo mundo já me disse* que, quando começo a falar sobre engenharia, acabo me alongando demais. Mas Erik parece mais do que um pouco interessado, e, mesmo enquanto tagarelo sobre matérias-primas, leis federais e avaliação do ciclo de vida por mais

de dez minutos, sua atenção nunca parece se perder. Ele apenas assente, pensativo, como se estivesse gravando as informações, e faz muitas perguntas inteligentes.

– Então você conseguiu o projeto?

Dou de ombros.

– Eles vão se reunir com outra pessoa amanhã, então ainda não sei. Mas disseram que somos a primeira opção até agora, por isso estou otimista.

Erik não fala nada. Em vez disso, apenas me analisa, sério, atento, como se eu fosse um projeto particularmente intrigante. Isso me deixa desconfortável? Não sei. Deveria. Estou saindo com um cara. Pela primeira vez em um milhão de anos. E ele está me encarando. Socorro, né? Mas... eu meio que não me importo.

Na verdade, estou me perguntando se ele gosta do que vê, o que é um pouco diferente. Às vezes sinto que perdi o hábito de me perguntar se estou bonita e passei a me preocupar em mostrar outras qualidades. Pareço profissional? Inteligente? Organizada? Alguém que deveria ser levada a sério, seja lá o que isso signifique? Geralmente acho repugnante a ideia de homens comentando sobre eu ser atraente ou não, sejam comentários positivos ou negativos. Mas, hoje à noite, neste momento... A possibilidade de Erik me achar bonita vai se desenrolando calorosamente na base do meu estômago.

E então congela quando penso que ele pode estar me encarando pelo motivo oposto. Será? Certo. Isto é... Não. Preciso parar de ficar ruminando essas coisas.

– Está pensando em quê? – pergunto.

Ele solta o ar pelo nariz e dá uma risada.

– Estava só me perguntando uma coisa.

– O quê?

Ele tamborila na mesa.

– Se você quer um emprego.

– Ah, eu ainda tenho um. Apesar dos meus esforços hoje de manhã, não fui demitida.

– Eu sei. E isso é muito inapropriado, estou ciente. Mas eu adoraria roubar você.

– Ah. Eu... – De repente, começo a sentir calor, além de uma dormência estranha. – Eu gosto do meu emprego. Paga bem. E minha chefe é ótima.

– Eu posso pagar mais. Me diz o valor.

– Eu... O quê?

– E, se houver alguma coisa de que você não goste no seu emprego atual, eu ficaria feliz em chegar a um acordo sobre as suas atribuições. Estou muito aberto a negociar.

– Peraí... *Você?*

– A ProBld – corrige ele.

Eu franzo a testa. Ele fala sobre a ProBld como se tivesse muita voz nas decisões administrativas da empresa, e eu me pergunto se ocupa algum cargo de gerência. Isso explicaria o terno. E o fato de que ele certamente veio jantar direto do trabalho, embora só tenhamos nos encontrado às oito. Ele está vestindo as mesmas roupas de hoje de manhã, embora sem a gravata e o paletó, e com as mangas da camisa dobradas até os antebraços – que parecem fortes e estranhamente *másculos*, e tenho me esforçado para não olhar para eles o tempo todo. Estou prestes a perguntar qual é o cargo dele, mas me distraio quando o garçom traz a conta e a estende para Erik, que prontamente a pega da mão dele.

Ele vai pagar? Acho que ele vai pagar. Devo educadamente insistir para que a gente divida? Devo rudemente insistir para que a gente divida? Devo me oferecer para pagar por nós dois? Ele comprou o croissant hoje de manhã. Como agir ao jantar fora com outra pessoa? Não faço ideia.

– Obrigado – diz o garçom antes de sair. – É sempre bom te ver, Erik.

– Você vem *bastante* aqui – comento.

Ele dá de ombros, deslizando o cartão de crédito dentro do porta-conta. Tudo bem. O navio pagador acaba de zarpar. *Merda*.

– Com clientes importantes, principalmente.

– Então aqui não é o lugar onde você costuma ter encontros?

A pergunta sai antes que eu possa revisar as palavras na minha cabeça. Logo, não percebo suas implicações até bem depois de elas estarem pairando entre nós. Erik está me encarando, *de novo*, e de repente fico nervosa.

– Eu não sei se... se você não... Eu não quis dizer que isto é um *encontro*.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Tipo, talvez você só quisesse... Como amigos, e...

Ele ergue mais a sobrancelha.

Pigarreio.

– Eu... *Isto é um encontro?* – pergunto com a voz baixa, insegura de repente.

– Não sei – diz ele, cauteloso, depois de refletir por um segundo.

– Talvez não seja. Eu...

Eu não queria deixar as coisas estranhas. Talvez você só me ache uma garota legal e quisesse companhia para jantar e eu interpretei mal a situação e sinto muito por isso. É só que eu acho que gosto muito de você. Mais do que me lembro de gostar de alguém. É possível que eu tenha projetado e...

O garçom vem pegar a conta, interrompendo meu delírio e me dando a chance de respirar fundo. Está tudo bem. Então talvez não fosse um encontro. Tudo bem. Foi divertido, de qualquer maneira. Boa comida. Bom papo sobre futebol. Eu fiz um amigo.

– Posso fazer *uma* pergunta?

Tiro os olhos das mãos retorcidas no meu colo e olho para cima. *Quer saber se eu sou uma stalker carente e perigosa?*

– É... claro – respondo.

– Eu não sei se isto é um encontro – diz ele, sério –, mas, se não for, você sairia num encontro comigo?

Abro um sorriso tão largo que minhas bochechas quase doem.



Meu sorvete de pistache derrete pela casquinha enquanto explico por que Neuer é um goleiro muito melhor do que se pensa. Caminhamos por Tribeca lado a lado sem nos tocarmos uma única vez, quarteirão após quarteirão, em meio ao ar noturno ameno e às luzes difusas. Meus sapatos não são novos, mas posso sentir uma bolha desagradável se formando lentamente no meu calcanhar. Não importa, porque não quero parar.

Nem Erik, eu acho. A cada poucas palavras eu estico o pescoço para olhar para ele, e ele é tão bonito com suas mangas arregaçadas, tão bonito quando balança a cabeça para algo que eu disse, tão bonito quando gesticula com suas mãos enormes para descrever uma jogada, tão bonito quando quase sorri e pequenas rugas surgem nos cantos dos seus olhos, tão bonito que às vezes *sinto* isso fisicamente, visceralmente. Meu coração acelera e não consigo respirar, e estou começando a pensar em coisas inquietantes. Coisas tipo *depois*. Ouço ele explicar por que Neuer é um goleiro incrivelmente superestimado e dou risada,

amando cada minuto disso tudo.

Na sorveteria, ele não pediu nada. Porque, diz ele, “não gosto de comer coisas geladas”.

– Uau. Talvez essa seja a coisa menos dinamarquesa que já ouvi.

Devo ter tocado em um ponto sensível, porque ele semicerra os olhos.

– Me lembra de nunca apresentar você aos meus irmãos.

– Por quê?

– Eu não ia gostar que vocês se aliassem contra mim.

– Rá! Então pelo visto todo mundo sabe que você é um péssimo dinamarquês. Também odeia o ABBA?

Ele parece confuso por um momento. Então sua expressão se ilumina.

– Eles são suecos.

– E tulipas...? Você odeia tulipas?

– Isso seria holandês.

– Merda.

– Mas chegou bem perto. Quer tentar de novo? Na terceira vez costuma dar certo.

Eu o fuzilo com o olhar, lambendo o que sobrou do pistache pegajoso dos meus dedos. Ele repara na minha boca e depois desvia os olhos para os próprios pés. Quero perguntar a ele o que houve, mas o dono da cafeteria da esquina sai para retirar a placa da calçada e eu percebo uma coisa.

Está tarde.

Muito tarde. Supertarde. Tarde tipo fim de noite. Estamos de frente um para o outro na calçada, mais de doze horas depois de nos encontrarmos pela primeira vez em... outra calçada. Erik provavelmente quer ir para casa. E eu provavelmente quero ficar com ele um pouco mais.

– Que metrô você pega? – pergunto.

– Na verdade, eu vim de carro.

Balanço a cabeça, reprovando-o.

– Quem anda de carro em Nova York?

– Pessoas que precisam visitar canteiros de obras em toda a área metropolitana. Eu te levo em casa – sugere ele, e eu sorrio.

– Gênios. Gênios gentis e que dão carona. Onde você estacionou?

Ele aponta para algum lugar atrás de mim e faço que sim com a cabeça,

sabendo que deveria me virar e começar a andar ao seu lado novamente. Mas parece que estamos meio presos neste *aqui e agora*. De pé na frente um do outro. Enraizados no chão.

– Eu me diverti esta noite – digo.

Ele não responde.

– Mesmo que a gente tenha esquecido de comprar croissants no bistrô.

Ainda sem resposta.

– E estou seriamente tentada a comprar um Neuer de papelão em tamanho real e... Erik, você ainda está naquele lance de não falar porque eu não estou fazendo nenhuma pergunta?

Ele ri silenciosamente e minha respiração fica suspensa na altura do peito.

– Onde você mora? – pergunta ele baixinho.

– Nos confins mais distantes de Staten Island – minto.

Era para ser minha vingança, mas ele apenas diz:

– Tá bem.

– Tá bem?

– Tá bem.

Eu franzo a testa.

– O pedágio custa 17 dólares, amigo.

Ele dá de ombros.

– Só pra ir, Erik.

– Tá ótimo.

– Como assim “Tá ótimo”?

Ele dá de ombros de novo.

– Pelo menos vai demorar um pouco pra chegar lá.

Meu coração pula uma batida. E depois outra. E então todas elas se alcançam ao mesmo tempo, uma confusão de batidas sobrepostas, um pequeno animal selvagem enjaulado no meu peito tentando escapar.

Não faço ideia do que estou fazendo aqui. Absolutamente nenhuma. Mas Erik está bem na minha frente, a luz da rua brilhando suavemente atrás de sua cabeça, a brisa quente da primavera soprando suave entre nós, e algo estala dentro de mim.

Sim. Isso mesmo.

– Na verdade... – digo, e, mesmo que minhas bochechas estejam queimando,

mesmo que eu não seja capaz de olhar nos olhos dele, mesmo que eu esteja na ponta dos pés e pensando em fugir, este é o momento mais corajoso da minha vida. Mais corajoso do que me mudar para cá sem Mara e Hannah. Mais corajoso do que quando driblei aquela meio-campista da UCLA. Simplesmente *corajoso*. – Na verdade, se você não se importa, prefiro pular Staten Island e ir pra sua casa.

Erik me analisa por um longo momento, e me pergunto se por acaso ele não consegue acreditar no que acabei de dizer, se seu cérebro também está lutando para entender, se talvez isso parece tão extraordinário para ele quanto para mim. Então ele assente uma vez, decidido.

– Muito bem – diz ele.

Antes de sairmos andando, eu o vejo engolir em seco.



Capítulo Sete

PRESENTE

Em tese, eu deveria estar satisfeita.

Depois de semanas de raiva intensa, às vezes assassina, com frequência melancólica, eu finalmente disse a Erik que preferia correr o risco de cair em um poço de elevador – estilo imperador Palpatine em *O retorno de Jedi* – a passar mais um minuto com ele. E, pela forma como seus lábios se contraíram, ele realmente detestou ouvir isso.

Agora seus olhos estão fechados e ele está inclinando a cabeça para trás contra a parede. Considerando seus genes nórdicos retraídos, isso provavelmente equivale a uma pessoa normal se colocando de joelhos e urrando de dor.

Ótimo. Olho para a linha de sua mandíbula e para seu pescoço, me proíbo de lembrar como foi divertido morder sua pele áspera por conta da barba por fazer e penso, de um jeito um tanto cruel: *Ótimo*. É ótimo que ele se sinta péssimo com o que fez, porque o que ele fez *foi* péssimo.

Sério, eu deveria estar satisfeita. E estou, a não ser por essa sensação pesada e

embrulhada no fundo do estômago, que não reconheço imediatamente, mas me faz lembrar de algo que Mara me disse depois da minha noite na casa de Erik. A conexão com Hannah tinha caído do nada, provavelmente quando um pedaço de gelo despencou e cortou seja lá qual for o cabo de internet que conecta a Noruega ao resto do mundo, então estávamos apenas nós duas na chamada de vídeo.

– Ele tentou me ligar – contei a ela. – E me mandou uma mensagem perguntando se poderíamos jantar hoje à noite. Como se nada tivesse acontecido. Como se eu fosse idiota demais para me dar conta do que ele fez.

– Mas que audácia! – Mara estava furiosa, suas bochechas num tom de vermelho quase tão intenso quanto o de seu cabelo. – Você quer falar com ele?

– Eu... – Enxuguei as lágrimas com as costas da mão. – Não. Não sei.

– Você poderia gritar com ele. Esculachar o cara. Ameaçar entrar com um processo, quem sabe. O que ele fez é ilegal? Se for, Liam é advogado. Ele vai te defender de graça.

– Ele não trabalha com umas coisas estranhas envolvendo tributação corporativa?

– Ah. Lei é tudo igual.

Eu ri em meio às lágrimas.

– Você não deveria perguntar pra ele primeiro?

– Não se preocupa, ele parece ser fisicamente incapaz de dizer não pra mim. Na semana passada ele me deixou pendurar um sino dos ventos na varanda. A questão é: você *quer* falar com Erik? Ou prefere esquecer o sujeito e fingir que ele nunca existiu?

– Eu... – Eu me lembrei de quando estava com ele na noite anterior. E, depois, quando descobri o que ele tinha feito. Eu conseguiria esquecer? Fingir? – Quero falar com o Erik com quem jantei. E tomei café da manhã. Antes de saber do que ele era capaz.

Mara assentiu, triste.

– Você pode atender na próxima vez que ele ligar. E confrontá-lo. Exigir uma explicação.

– E se ele fizer pouco caso, como se fosse algo que eu deveria ter esperado?

– É possível que ele esteja tentando ligar pra você pra admitir o que fez e pedir desculpa – disse ela, pensativa. – Mas talvez isso seja ainda pior. Porque aí você ficaria sabendo que ele tinha total noção do mal que estava causando e

seguiu em frente assim mesmo.

Acho que é exatamente isso. Acho que foi por isso que odiei quando ele disse “Me desculpa” e porque odeio o fato de ele não me olhar há vários minutos. Isso faz com que eu me pergunte se ele está ciente de que arruinou algo que poderia ter sido maravilhoso por pura ganância. E, se for esse o caso, então eu não imaginei coisas: a noite que passamos juntos foi tão especial quanto eu me lembro, e ainda assim ele jogou tudo no lixo – estilo princesa Leia em *Uma nova esperança*.

– Vi a Dinamarca vencer a Alemanha – digo, porque é uma opção melhor do que o silêncio e meus pensamentos barulhentos.

Ele se vira para mim e solta uma risada.

– Sério, Sadie?

– Sim. Duas... Não, três noites atrás. – Olho para minha mão e raspo o pouco que sobrou do esmalte da semana passada. – Dois a um. Então, talvez você *tivesse mesmo razão* sobre o Neuer...

– Sério? – repete ele, mais duro desta vez.

Eu o ignoro.

– Mas, não sei se você se lembra, quando a gente tomou sorvete, eu admiti que o pé esquerdo dele é meio fraco.

– Eu me lembro – diz ele, um pouco impaciente.

Deus. Essas minhas unhas estão simplesmente vergonhosas.

– Mesmo assim, acho que a vitória aconteceu mais porque a Dinamarca jogou excepcionalmente bem...

– Sadie.

– E, se vocês conseguirem manter esse nível de atuação por um tempo, então...

Ouçõ algum farfalhar vindo do canto dele do elevador. Olho para cima bem a tempo de ver Erik agachado na minha frente, com os joelhos roçando minhas pernas, os olhos pálidos e sérios. Meu coração dá cambalhotas. Ele *parece mesmo* mais magro. E também que não anda dormindo bem nas últimas semanas. Seus cabelos brilham sob a luz de emergência, dourados, e uma breve memória ressurgue, de puxá-los quando ele...

– Sadie.

O quê?, quero gritar. *O que mais você quer?* Em vez disso, apenas olho para

ele, sentindo que o elevador encolheu de novo, desta vez para a breve distância entre os meus olhos e os dele.

– Já faz semanas, e... – Ele balança a cabeça. – Por favor, será que a gente pode conversar?

– A gente está conversando.

– Sadie.

– Eu estou dizendo coisas. E você está dizendo coisas.

– Sadie...

– Tá bem, então... Você estava certo sobre o Neuer. Satisfeito?

– Não. Na verdade, não. – Ele me olha em silêncio por vários segundos.

Então diz, calmo e sério: – Me desculpa.

É a coisa errada a se dizer. Sinto uma onda de raiva percorrer minha espinha, ainda maior do que quando soube de sua traição. Há um sabor amargo e ácido na minha boca quando me inclino para a frente e digo entredentes:

– Eu te odeio.

Ele fecha os olhos brevemente, resignado.

– Eu sei.

– Como *pôde* fazer isso, Erik?

Ele engole em seco.

– Eu não fazia ideia.

Dou risada.

– Jura? Como... como se *atreve*?

– Eu assumo toda a responsabilidade pelo que aconteceu. Foi minha culpa. Eu... gostei muito, Sadie. Muito mesmo. Tanto que interpretei mal seus sinais e não percebi que você não tinha gostado.

– Bom, o que você fez foi... – Eu paro abruptamente. Meu cérebro freia e finalmente registra as palavras de Erik. Gostei? Interpretei mal? Do que ele está falando? – Que sinais?

– Naquela noite, eu... – Ele morde o interior da bochecha. – Foi bom. Eu acho... que perdi o controle.

Fico paralisada. Tem algum mal-entendido.

– Quando você me pediu desculpa um minuto atrás, estava se referindo a quê?

Ele pisca duas vezes.

– Às coisas que eu fiz com você. Na minha casa.

– Não. Não, não é disso que eu... – Minhas bochechas estão quentes e minha cabeça está girando. – Erik, por que você acha que eu parei de atender as suas ligações?

– Por causa do jeito que eu transei com você. Eu não te dei sossego a noite toda. Estava insaciável. Você não curtiu. – De repente, ele parece tão confuso quanto eu. Como se estivéssemos no meio de uma história cuja narrativa não faz muito sentido. – Sadie, não foi esse o motivo?

Seus olhos perfuram os meus. Eu pressiono a palma da mão contra a boca e balanço a cabeça lentamente.



Capítulo Oito

TRÊS SEMANAS ATRÁS

Não nos tocamos a noite toda.

Nem no restaurante. Nem no carro. Nem mesmo no elevador até o apartamento dele em Brooklyn Heights, que é maior que o meu mas nem parece, porque Erik está dentro dele. Estamos conversando como fizemos durante o jantar, o que é divertido, incrível e um tanto hilário, mas começo a me perguntar se, quando me convenci de que estava corajosamente dando em cima de Erik, ele no fundo achou que eu estivesse me convidando para jogar *FIFA* na casa dele. Ele dirá: “Vem cá que eu quero te mostrar uma coisa.” Eu vou acompanhá-lo pelo corredor com as pernas bambas, e aí ele vai abrir a porta do quarto onde fica seu Xbox e eu vou morrer por dentro.

Fico na entrada enquanto Erik tranca a porta atrás de mim e mexo os pés um pouco inquieta, contemplando minha própria mortalidade e a possibilidade de fugir dali, quando noto o gato. Está empoleirado na imaculada mesa de centro na sala de estar de Erik (que parece *não* ser um depósito de pilhas de malas diretas e

panfletos de entrega de comida; *que surpresa*). Ele é alaranjado, rechonchudo e nos lança um olhar fulminante.

– Olá. – Dou alguns passos, estendendo a mão com cautela. O gato olha com ainda mais intensidade. – Que gatinho bonzinho você é.

– Não é, não.

Erik está atrás de mim tirando os sapatos e pendurando o casaco.

– Qual o nome dele?

– Gato.

– Gato? Tipo...?

– Gato – diz ele, conclusivo.

Decido não insistir.

– Não sei por quê, mas imaginei que você fosse do tipo que gosta mais de cachorros.

– Eu sou.

Eu me viro e dirijo a ele um olhar confuso.

– Mas você tem um gato.

– Meu irmão tem um gato.

– Qual deles?

Ele tem quatro irmãos. Todos mais novos. E, pela maneira como fala sobre eles, com certa frequência e com um tom meio áspero, meio divertido, fica claro que são muito próximos. Meu lado filha única, acostumada a ouvir “Pegue este livro de colorir enquanto a mamãe e o papai assistem a *The West Wing*”, morre de inveja.

– Anders – responde ele. – O mais novo. Ele terminou a faculdade e agora está... em algum lugar. No País de Gales, eu acho. Descobrindo a si mesmo. – Erik se aproxima e para ao meu lado. Ele e o Gato se encaram. – Enquanto temporariamente cuido do gato dele.

– Quanto tempo significa *temporariamente*?

Ele contrai os lábios.

– Até o momento, um ano e sete meses. – Tento manter uma cara séria, mas acabo escondendo um sorriso com a mão, e Erik olha para mim com os olhos semicerrados. – O início do nosso... relacionamento foi difícil, mas estamos lentamente começando a chegar a um acordo – diz ele, assim que o Gato pula da mesa e faz uma pausa para sibilar para Erik a caminho da cozinha. Erik responde

com algo que soa muito áspero e cheio de consoantes, então olha para mim de novo. – Lentamente.

– *Muito* lentamente.

– É.

– Você tranca a porta do seu quarto à noite?

– Religiosamente.

– Que bom.

Eu sorrio, mas ele, não, e caímos em um silêncio nada confortável. Eu preencho o vazio olhando ao redor e fingindo que estou fascinada com o mapa de Copenhague pendurado na parede. Erik para ao meu lado e pergunta:

– Quer tomar alguma coisa? Acho que tenho cerveja. E... – Uma pausa. – Leite, provavelmente.

Dou uma risada baixinho.

– Desnatado?

– Integral. E achocolatado – admite, um pouco sem graça.

Isso me faz rir um pouco mais, Erik finalmente sorri e, então... Mais silêncio.

Estamos parados entre a entrada e a sala, de frente um para o outro, ele me analisando, eu analisando ele me analisando, e algo pesado forma um nó na minha garganta. Não tenho certeza do que está acontecendo. Não tenho certeza do que esperava. A noite inteira foi muito fácil, mas isto aqui não é.

– Eu... eu entendi errado? – indago.

Ele não finge que não entendeu.

– Não mesmo. – Ele parece... não inseguro, mas cauteloso. Como um cientista prestes a misturar duas substâncias muito voláteis. O resultado pode ser ótimo, mas é melhor estar certo disso. Usar equipamento de proteção. Levar o tempo necessário. – Não quero presumir nada.

O nó aperta. Eu continuo:

– Se você tiver mudado de...

– Não é isso.

Mordo o lábio.

– Eu ia dizer que, se você não quiser...

– Pelo contrário, Sadie – diz ele calmamente. – Muito pelo contrário. Eu preciso ir com calma.

Certo. Tá bem, então. Tomo uma decisão numa fração de segundo, meu

segundo ato de bravura da noite: me aproximo dele, até nossos pés se tocarem através de nossas meias, e fico na ponta dos dedos.

A primeira coisa que noto é como ele é cheiroso. Tem um cheiro de limpeza, masculino, quente. Delicioso em todos os aspectos. A segunda: sua clavícula é o mais longe que consigo alcançar, o que seria até divertido se eu não tivesse perdido o fôlego de repente. Se eu quiser que esse beijo aconteça, vou precisar da cooperação dele. Ou de equipamento de escalada.

– Será que você pode... – Dou risada, impotente, contra a gola de sua camisa.
– Por favor?

Não pode. Ou não quer. Pouco tempo depois, em vez disso, opta por envolver sua mão ao redor do meu queixo, segurar meu rosto e olhar para mim.

– Acho que é isso – murmura ele, o polegar deslizando pela minha bochecha, olhos pensativos, como se estivesse processando uma informação importante.

Meu coração acelera. Me sinto zozona.

– Eu... O quê?

– Isso. – Seus olhos estão nos meus lábios. – Acho que não vou passar disso.

– Não sei exatamente se...

Ele age tão rápido que mal consigo acompanhar. Suas mãos se fecham em volta da minha cintura, me levantam e, um segundo depois, estou sentada na prateleira da entrada. A diferença de altura entre nós é muito menos drástica e...

É o melhor beijo da minha vida. Não: é o melhor beijo *do mundo*. Por causa do jeito que ele pressiona a mão na minha escápula para me arquear contra ele. Por causa do jeito que sua barba arranha minhas bochechas. Porque começa devagar, só sua boca na minha, e fica assim por muito tempo. Mesmo quando coloco os braços em volta de seu pescoço, mesmo quando ele se inclina na minha direção e afasta minhas coxas para abrir espaço para ele, mesmo quando estamos colados um no outro, meu coração batendo que nem um tambor contra o peito dele, são apenas os lábios de Erik e os meus. Colados, se esfregando, compartilhando ar e calor. De um jeito dolorosamente cuidadoso.

E então eu abro a boca, e o beijo vira algo completamente diferente. A pressão suave de nossas línguas. Seu grunhido. Meu gemido. É novo, mas também é certo. O cheiro dele. A maneira como ele segura minha cabeça em sua mão. Um calor líquido delicioso se espalhando pela minha barriga, subindo pelas minhas terminações nervosas. Bom. É bom, e estou tremendo, e é muito, *muito*

bom.

– Se... – começo a dizer quando ele pausa para respirar, mas desisto imediatamente quando ele enterra o rosto no meu pescoço.

– Está bom assim? – pergunta ele antes de inspirar profundamente contra a minha pele, como se meu sabonete líquido da Target fosse algum tipo de droga alucinógena.

Meu “Aham” é fraco, sem fôlego. Quando ele morde minha clavícula, eu passo meus braços em volta de seus ombros e o agarro pela cintura com minhas pernas, e o prazer de estar tão perto me corta como a lâmina mais afiada do mundo.

Ele está excitado. Consigo sentir exatamente *quão* excitado. Ele quer que eu sinta, eu acho, porque sua mão desliza até minha bunda e me puxa para ele. Eu me contorço, mexendo os quadris para experimentá-lo, e ele solta um gemido rouco na minha boca.

– Comporte-se – repreende ele, severo, um pouco bruto.

Ele me agarra com força, me mantém parada contra ele, e eu inesperadamente estremeço com o tom de comando em suas palavras.

As coisas se intensificam rapidamente. Para mim, pelo menos. Há um período de segundos, talvez de minutos, em que apenas nos beijamos e nos beijamos e nos *beijamos*, Erik se aproximando ainda mais e eu seguindo seu embalo, o calor líquido me inundando por dentro. E então começo a notar os gemidos suaves. O sibilo agudo quando seu pau se esfrega contra a parte interna da minha coxa. A maneira como seus dedos se cravam avidamente nos meus quadris, na minha nuca, na parte inferior das minhas costas. Ele alterna entre me prender ao seu corpo o mais forte que consegue e evitar me tocar, os nós dos dedos brancos enquanto segura a borda da prateleira e estabelece alguma distância entre nós. Acho que ele pode estar tentando ir mais devagar. Controlar-se, talvez.

Acho que não está conseguindo, não muito bem.

Eu me afasto, e ele pisca lentamente. Seus olhos estão desfocados, um azul quase preto fixo nos meus lábios. Quando ele tenta se inclinar para outro beijo, eu o detenho com uma mão em seu peito.

– Quarto? – pergunto, em um arquejo, porque ele tem toda a cara de quem poderia simplesmente me foder no corredor, e eu tenho medo de acabar

deixando que ele o faça. – Ou, se você quiser... aqui está... tudo bem se você...

Ele coloca uma mão debaixo da minha bunda e me carrega pelo corredor, como se eu não fosse mais pesada que seu gato. Quando acende a luz, vejo a cama enorme e desfeita, e o quarto tem um cheiro tão intenso dele que preciso fechar os olhos por um segundo. Ele me põe de pé, e estou prestes a perguntar se isso é necessário, se podemos fazer isso na penumbra, mas ele já está desabotoando a camisa, os olhos fixos em mim. Minha boca fica seca. Pensando bem, tudo bem deixar a luz acesa. Eu acho.

Erik é uma montanha. Uma cúpula gigante de carne e músculos – não ridiculamente definidos desses que saem na capa da revista GQ, mas sólidos, grandes como carvalhos, e eu talvez tenha ficado hipnotizada olhando para ele e catastroficamente perdido a noção do tempo, porque...

– Tira a roupa – diz ele, não, *ordena*, e eu tremo outra vez. Esse cara tem uma coisa... Uma autoridade. Como se seu primeiro instinto fosse assumir o controle. – Sadie, tira tudo.

Eu faço que sim com a cabeça, tirando primeiro a calça jeans, depois o suéter. Estou desesperadamente procurando coragem para continuar quando ouço ele dizer em voz baixa e rouca:

– Não é roxa.

Olho para cima. Erik está na minha frente, nu, alto e grande, tipo... uma divindade menor de algum panteão nórdico, um sujeito reservado que gosta de ficar na dele, mas ainda assim teria um par de ilhas do mar Báltico batizadas com seu nome. Ele está magnificamente confortável com sua nudez. Eu, por outro lado, estou aparentemente muito constrangida para tirar minha camiseta branca *ou* olhar para baixo do seu umbigo.

Não que ele pareça notar. Seus olhos estão vidrados de novo, olhando para a forma que minha calcinha preta se estica ao redor dos meus quadris como se quisesse fazer com que ela entrasse em combustão. Me sinto tentada a colocar o jeans de volta.

– O quê?

– Não é roxa.

– Eu não... Ah. Fui pra casa e troquei. E... isso aqui pode ser considerada uma reunião de apresentação de projeto? – Mesmo assim eu deveria ter vestido algo mais bonito. Talvez um sutiã combinando. O problema é que, se cinco horas

atrás alguém tivesse dito que eu acabaria no quarto de Erik Nowak no fim do dia, eu teria achado que a pessoa estava alucinando de febre e lhe dado ibuprofeno. – E não falei roxa, foi...

– Lavanda – diz ele com o mínimo esboço de um sorriso, e então eu não preciso pensar muito mais porque uma de suas coxas desliza entre as minhas e ele está me levando para trás, para sua cama.

Tem um edredom sob as minhas costas, uma ereção bastante intimidante – para a qual *ainda* não consigo olhar – contra a minha barriga e uma montanha de quilos dinamarqueses sobre mim. Erik é voraz, determinado e claramente experiente. Ele geme no meu pescoço, depois no meu esterno, murmurando algo que poderia ser *porra*, ou *perfeito*, ou o meu nome. Como se tivesse passado o dia inteiro pensando nisso. Suas mãos deslizam sob minha camiseta e viajam para cima, apertando suavemente, com mais gemidos e alguns “Caralho, Sadie, caralho”, um beliscão leve no meu mamilo e uma mordida gananciosa por cima do tecido. E sinto que é perfeito, assustador, emocionante, novo, sujo, certo, bom, molhado, constrangedor, excitante, rápido – *todos* esses adjetivos, *tudo* ao mesmo tempo.

Então, no segundo seguinte, todos eles se dissolvem. Exceto um: *assustador*.

Erik enganchou os dedos no elástico da minha calcinha e a tirou. Ele está beijando os ossos do meu quadril, lábios carnudos pressionando meu abdômen, e eu sei exatamente o que ele está planejando fazer, mas não consigo parar de pensar que ele é...

Ele é realmente *muito* grande. E seu antebraço está apoiado na minha barriga, me prendendo na cama, e eu o conheci – merda, eu conheci esse cara *hoje de manhã*, e mesmo que eu o *tenha, sim*, pesquisado brevemente no Google para ter certeza de que seu nome verdadeiro não era Max Matador, eu não sei *nada* sobre ele, e ele é muito maior e mais forte do que eu, e *será que eu sou mesmo boa nisso?*, e ele poderia fazer o que quisesse comigo, ele poderia me obrigar, e eu sinto calor, eu sinto frio, eu *não consigo respirar e...*

– Para! Para para *para...*

Erik para. De imediato. E eu instantaneamente me contorço debaixo dele, me afastando para a cabeceira da cama, as pernas dobradas e os braços ao redor delas. Seus olhos estão em mim, agora novamente azul-claros, novamente *enxergando*. O que ele vai fazer? O que ele...

– Ei – diz Erik, ajoelhando-se, como se quisesse me dar ainda mais espaço.

Seu tom é gentil, como se ele estivesse se aproximando de animais selvagens feridos e assustados. Uma boa parte do meu pânico se esvai e... Ah, meu Deus. Qual é o meu problema? Estávamos nos divertindo, ele estava se saindo perfeitamente bem, e eu tinha que bancar a porra de uma esquisita.

– Desculpa. Eu só... Não sei por que estou pirando. Você é tão grande, e eu praticamente nunca... Eu não estou acostumada com isso. Desculpa.

– Ei – diz Erik novamente. Ele estende a mão para me tocar e ela paira acima do meu joelho. Então parece pensar melhor e a recolhe, o que me dá vontade de chorar. Eu estraguei as coisas. Estraguei tudo. – Está tudo bem, Sadie.

– Não. Não, não está. Eu... acho que o problema é que só fiz isso com o meu ex, e...

– Eu entendo. – Seu rosto se enrijece de uma maneira impessoal e apavorante. – Ele te machucou?

– Não! Não, o Oscar *nunca faria isso*. Era bom. É só que ele era... diferente. De você. – Eu rio de nervoso. Torço para não cair em prantos. – Não que seja ruim. Quer dizer, todo mundo é diferente. É só que...

Ele assente, e fico achando que compreende, porque sua expressão se suaviza, assim me sinto um pouco menos ansiosa. Não preciso me afastar como se ele fosse um bicho com alguma doença contagiosa. Respiro fundo e me aproximo mais, em direção ao meio da cama.

– Desculpa – digo.

– Por que você está pedindo desculpa?

Ele parece genuinamente intrigado.

– Eu só não achei que isso seria... assustador. Achei que eu ficaria mais à vontade. Mais relaxada, eu acho.

– Sadie, você... – Ele solta o ar e estende a mão para mim de novo. Desta vez ele afasta meu cabelo, colocando-o atrás da minha orelha, como se quisesse ver meu rosto por inteiro. Como se quisesse que eu o visse. – Você não precisa *ser* de um jeito ou de outro. Eu não te trouxe aqui pra você desempenhar um papel pra mim.

Sinto um nó na garganta e tento engolir.

– Certo. Você me trouxe aqui porque *eu* propus, e então...

– Eu te trouxe aqui porque eu queria *estar* com você. Eu teria continuado

andando pela cidade até o dia amanhecer se você quisesse. A proposta é a seguinte: a gente pode passar a noite transando, e, não vou mentir, eu adoraria, mas também podemos jogar um jogo de tabuleiro, ou você pode me ajudar a dar o remédio de pulgas pro gato do meu irmão, já que esse é um trabalho pra duas, talvez três pessoas. Qualquer uma dessas opções serve.

Eu não quero de jeito nenhum começar a chorar. Em vez disso, me deixo cair de volta na cama, minha cabeça no único travesseiro dele.

– E se eu quisesse jogar *FIFA*?

– Eu falaria pra você ir embora.

– Por quê?

– Porque não tenho nenhum videogame.

Dou uma risada meio embargada.

– Eu sabia que você era bom demais pra ser verdade.

– Eu tinha um Game Boy nos anos 1990 – comenta ele. – Talvez meu pai tenha guardado.

– Parcialmente perdoado. – Nós dois estamos sorrindo agora, e meu medo se liquefaz, feito neve ao sol. Apenas para congelar tudo de novo, só que de outro jeito: medo de *não o ter*. – Eu estraguei tudo?

– Estragou o quê?

Aponto na direção dele, depois na minha. *A gente*, tenho vontade de dizer, mas parece prematuro.

– Esse... esse lance.

Ele se deita ao meu lado, de frente para mim. Deixou alguns centímetros entre nós, de propósito, mas, por vontade própria, como trepadeiras se enrolando em troncos de árvores, minhas pernas viajam pelos lençóis e se enroscam frouxamente nas dele. Desta vez o contato não é assustador, apenas correto e natural. Ele ainda é grande e diferente e um pouco impressionante, mas não está em cima de mim, e me sinto mais no controle. Como se pudesse me afastar sempre que quisesse. E sei agora que ele me deixaria fazer isso.

– Será que consigo desestragar? – pergunto, esperançosa.

Ele suspira.

– Sadie, quero te dizer uma coisa, mas acho que você não vai gostar.

Ah, não.

– O que foi?

Uma pausa.

– Você é uma engenheira brilhante que conhece as estatísticas da Premier League das últimas três décadas de cabeça. Fisicamente, você é a combinação extraordinária de todas as características que eu acho atraentes... Não, não vou me *aprofundar* nisso. E você salvou meu número no seu telefone como Thor Corporativo, mesmo depois de eu te dizer meu nome todo.

– Eu não sabia exatamente como escrevia e... Você *viu* isso?

– Vi. – Sua mão vem até minha bochecha. – É isso, Sadie. Eu não acho que você tenha estragado nada.

Um milhão de fogos de artifício de esperança explodem na minha cabeça. Meu coração aperta dentro do peito, pesado e feliz. *Tá bem, tá bem.*

– Então quer dizer que eu não te brochei pra sempre?

Ele solta uma risada.

– Não precisa se preocupar, é impossível eu não querer fazer sexo com você, Sadie.

– Mesmo se eu for ruim?

– Você não é.

– Não tenho certeza. Eu achava que era boa. Quer dizer, mediana. Mas talvez...

– Sadie. – Com uma mão na minha cintura, ele me puxa um pouco mais para perto. Apenas o suficiente para seus olhos encontrarem os meus e meu mundo inteiro se reduzir a ele. – Vamos devagar. A gente chega lá – diz ele, como se soubesse que esta é a primeira noite de muitas.

– Tem certeza?

– Absoluta. Você se sentiria melhor se eu me vestisse?

Balanço a cabeça e, então, num impulso, reduzo a distância entre nós. Ele conduziu os outros beijos, que eu amei, mas neste eu estou no comando, e é exatamente do que preciso. Ele não tenta aprofundar até que eu o faça. Não se aproxima até que eu vá na direção dele. Não tenta me tocar até que eu pego sua mão e a coloco no meu quadril, e mesmo assim ele é gentil, dedos deslizando para cima e para baixo na minha coxa, traçando minha caixa torácica costela por costela, minha coluna vértebra por vértebra.

Eu me sinto relaxar. Flutuar. Expandir, contrair e esquecer. Ficar molhada e flexível, um calor gostoso se espalhando pela minha barriga. Quando minha coxa

acidentalmente roça a ereção de Erik, minha respiração falha e ele emite um ruído profundo e baixo no fundo da garganta.

– Desculpa – diz ele com a voz rouca, me ajeitando para que eu fique longe.

Eu o detenho com uma mão em seu bíceps.

– Eu gosto disso, na verdade.

– Gosta?

– Sim. E você?

Ele solta o ar com força.

– Você não faz ideia, né?

– Do quê?

Ele não entra em detalhes.

– Eu ficaria feliz de fazer isso até o sol nascer.

– Sério? – Eu solto uma risada. – Você ficaria feliz incorporando sua melhor versão do ensino médio e só dando uns amassos?

Ele dá de ombros.

– Eu provavelmente vou gozar em algum momento. Mas posso te avisar. Você não precisa participar, e tem um banheiro do outro lado do corredor.

– Não! Não, eu estou... – *Morrendo de vergonha.* – Eu adoraria. Participar, quero dizer. – Pigarreio. – Acho que devemos tentar de novo. Aquilo que estávamos fazendo antes de eu surtar.

Então eu vejo algo piscar no seu rosto: uma fração de segundo de ansiedade, depois a máscara da dúvida.

– Acho que deveríamos esperar. Ir devagar. Sair mais algumas vezes até você se acostumar com o fato de que eu sou... grande demais, aparentemente.

Fico corada.

– Mas eu estava pensando... E se eu for por cima? Pra eu não me sentir encurralada?

Erik fica em silêncio. Por um instante, ele para de respirar. Então pergunta:

– Tem certeza?

Suas pupilas estão dilatadas.

– Acho que sim. Quer tentar?

– Seria... – Ele engole em seco. Seus dedos estão segurando meus quadris como se ele simplesmente não fosse capaz de soltar. – Quero. Eu adoraria *tentar*. Se é que essa é a melhor palavra pra isso.

Não percebo imediatamente o mal-entendido. Talvez porque estou ocupada, primeiro me ajeitando em cima do colchão e subindo em seus quadris, depois aproveitando o fato de estar em cima dele. Eu me sinto muito melhor assim. *Aham*, penso. Sim. Eu consigo fazer isso, afinal. Adoro fazer isso, na verdade. Adoro montar em Erik, olhando para sua pele clara, tocando seus músculos. Adoro seus olhos apontando para onde meus mamilos marcam minha camiseta. Adoro a sensação de minhas coxas sendo abertas pelo seu torso, os pelos de seu caminho da felicidade contra minha vagina. Eu *posso* transar com ele, afinal. Eu *quero* transar com ele. Eu posso *morrer* se não transar com ele, porque agora quero que fiquemos o mais humanamente perto possível.

Mas então suas mãos se fecham em volta da minha cintura, e ele me desloca para perto do seu rosto. Mais. E mais. Até que meus joelhos estão pressionando o colchão um de cada lado de seu pescoço, e eu me lembro exatamente do que ele estava prestes a fazer quando paramos. Uma lâmpada gigante se acende na minha cabeça. Ah, meu Deus. Ele acha que eu quero que ele...

– Erik, eu...

Ele começa com um amplo movimento, abrindo meu sexo com a língua. Faço um som constrangedor e animalesco, metade suspiro, metade gemido, e caio para a frente, me apoiando na cabeceira da cama. Minha vagina vibra. Meu corpo inteiro estremece, eletrizado.

– Porra, Sadie – diz ele em um som gutural antes de me lambe de novo, com impaciência, de uma forma que redefine a palavra *entusiasmado*.

Sua língua brinca na entrada, pressionando os músculos em contração. O polegar da mão que não está agarrando minha bunda sobe para desenhar círculos ao redor do meu clitóris. Estou tremendo. Tendo espasmos. Contrações. De repente me sinto *agonizantemente* vazia.

– Ai, meu Deus – sussurro nas costas da minha mão. Então a mordo, porque, se não o fizer, vou gritar. Talvez eu grite mesmo assim, porque ele solta um grunhido e arqueia o pescoço para me lambe, pressionando minha pélvis contra sua boca, e os ruídos que ele faz, os ruídos que *fazemos*, são molhados, imundos e obscenos. – Ai, meu Deus. Eu...

Estou fora de controle. Minhas coxas estão começando a tremer. Não tenho ideia do que estou fazendo, mas não consigo parar de me balançar, me esfregar contra sua boca, seu nariz e seu rosto, contorcendo-me em busca de mais

contato, mais pressão, mais fricção, querendo ser preenchida...

– Você está indo muito bem, Sadie – murmura ele contra minha vagina, e as palavras vibram por toda a minha coluna.

Seus dedos apertam minha bunda com força e ele é implacável, me mantendo no lugar, me inclinando melhor, me mostrando que sabe do que preciso, para que eu o deixe fazer seu trabalho. Então ele começa a usar os dentes em mim, e eu desmorono.

Dou um grito.

– Não consigo acreditar que você achava que era ruim nisso – diz ele, rindo, e eu sinto cada sílaba viajar através de mim como uma faca.

Eu me forço a respirar fundo, a endireitar as costas, a olhar para ele. E é quando seus olhos encontram os meus que ele começa a chupar meu clitóris com força.

Eu gozo tão intensamente que é quase doloroso. Eu sempre tinha sido quieta, silenciosa na cama, mas o prazer é como uma represa estourando, rompendo e queimando, e tão violento que meu corpo não tem condições de contê-lo. Eu soluço e solto um gemido nas costas das mãos, impotente, confusa. Durante todo o meu orgasmo Erik está lá, segurando meus quadris, murmurando elogios e gemidos contra os meus lábios inchados, me lambendo até ultrapassar todos os limites.

Então seus beijos se tornam mais leves. Gentis. Ele se vira para chupar a parte interna da minha coxa esquerda, e me pergunto se é o suficiente para deixar uma marca. *Erik Nowak esteve aqui.*

– Passei o dia inteiro pensando em te comer – diz ele contra a minha pele, que está pegajosa e encharcada e... eu não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Não consigo acreditar que isso é *sexo*. – A porra. Do dia. Inteiro.

De alguma maneira, ele parece saber que estou muito mole para me mexer. Então me desliza de volta mais para baixo, e talvez eu esteja imaginando coisas, mas acho que ele está respirando tão pesadamente quanto eu e que suas mãos estão tremendo. Quero investigar, mas ele envolve os braços ao redor do meu tronco e me segura contra seu peito até que estejamos o mais perto possível. A batida acelerada de seu coração reverbera pela minha pele, e este, *este*, este momento não poderia ser mais perfeito.

Até que ele me beija. E me beija. Ele beija minha boca com a mesma

obstinação que usou na minha vagina, e, quando meu batimento cardíaco se acalma, enquanto meus membros lentamente param de se contorcer de prazer, eu começo a sorrir nos seus lábios.

– Erik?

– Oi.

Sua mão se curva ao redor da minha bunda.

– Por que você comprou?

– Comprei o quê?

– O croissant da Faye. Se você sabia que era tão ruim, por que comprou?

Ele sorri na linha do meu ombro.

– Eu faço parte.

– Do quê?

– Do esquema de lavagem de dinheiro.

Dou uma risadinha e o abraço ainda mais apertado enquanto dentro de mim cresce uma onda de felicidade, adoração e algo nebuloso, algo esperançoso e novo que não consigo definir ainda. Seu pau lateja contra a parte interna da minha coxa. Ele me desloca para fingir que isso não aconteceu e me puxa para outro beijo preguiçoso. *Humm*.

Tento me mexer e diminuir a distância entre nós, mas ele segura minha mão entrelaçando seus dedos contra os meus.

– Você não...?

– Deixa isso pra lá – diz ele, esfregando seu rosto no meu pescoço.

Ele me morde, firme, brincalhão, quase como se quisesse desviar do assunto. Quase.

– Mas você...

– Shhh. Tá tudo bem, Sadie. É importante não mexer em time que está ganhando.

Eu franzo a testa, me endireitando para fitá-lo.

– Seu time não está ganhando. *Eu* estou ganhando. Está um a zero.

Provavelmente está mais para uns doze a zero. Mas...

Ele ri baixinho.

– Pode acreditar: *pra mim* passou bem longe de zero...

Ele fecha a boca tão abruptamente que posso ouvir sua mandíbula estalar. Porque estou deslizando para trás, e sua ereção está aninhada contra mim.

Primeiro, passa pela curva da minha bunda. Depois, logo abaixo da minha vagina.

Ele inspira o ar, forte. Crava os dedos na minha cintura.

– Sadie...

– Achei que você tivesse dito que eu poderia ficar no controle – provoco, balançando-me em cima do pau dele como fiz em sua boca.

Os lábios da minha vagina o cercam, carnudos e inchados. Olhamos para a cena ao mesmo tempo. O som que ele solta é selvagem.

– A gente precisa parar – resmunga ele, mas sua mão se estende na parte inferior das minhas costas e ele faz força para ter mais fricção.

– Por quê?

– Porque... – A cabeça do pau dele atinge meu clitóris inchado, uma pontada de prazer pela minha espinha. Erik arqueia o corpo, me agarra com mais força e fecha os olhos. – Caralho. Ai, *caralho* – murmura ele, a voz arrastada. – Eu vou te comer, é isso?

Sua respiração fica presa, e estamos quase alinhados. Então estamos *alinhados*, ele duro contra a minha entrada, e eu desço porque quero, quero sentir essa pressão deliciosa e imensa que vai me partir ao meio, e é gostoso, tão gostoso, transbordante, entorpecente, absurdamente bom...

– Camisinha – diz ele com dificuldade contra a minha boca. – Se vamos... Precisamos de uma camisinha.

Fico imóvel. *Merda*.

– Eu... – Tento me livrar dele, mas Erik me mantém no lugar. Ele ainda está meio que dentro de mim. Só a cabeça. – Você... você tem? – pergunto.

– Acho que sim. Em algum lugar.

Em algum lugar é bem na gaveta de sua mesa de cabeceira, debaixo de um frasco de remédio para alergia, um carregador de celular e dois livros que presumo estarem em dinamarquês. Ele estende a camisinha para mim e eu a aceito sem pensar.

A embalagem é dourada. *Trojan*, diz. E embaixo: *Magnum*. O que talvez explique muita coisa.

– Quer que eu...?

Ele faz que sim com a cabeça. Estamos ambos corados, desajeitados e sem fôlego, e eu não faço ideia de como colocar uma camisinha. Mas não quero dizer:

Por favor, coloca você, porque a minha escola não deu a aula de educação sexual com a banana e minha mãe me fez tomar pílula a partir do meu terceiro encontro com Oscar. Erik está olhando ansiosamente para a embalagem na minha mão, como se fosse uma oferenda de mirra para um rei recém-nascido, e acho que ele está gostando da ideia de eu fazer isso por ele.

Abro um sorriso. Eu tenho um doutorado em engenharia: se posso construir máquinas sofisticadas, posso descobrir como colocar uma maldita camisinha. E rolam algumas tentativas e erros, mas Erik não parece se importar, fascinado pela forma como meus dedinhos trabalham nele. Quando termino, sua respiração está mais curta, menos natural.

– Volta pra cá – diz ele, puxando-me em sua direção.

– Eu... Quer ficar por cima dessa vez?

– Não.

– Tem certeza? Acho que eu tô de boa com...

– Sadie. Eu quero comer você, e preciso que você goste. Então você fica por cima por enquanto.

Não tenho ideia de quais são os parâmetros para o tamanho Magnum, mas entendo por que é necessário. Estou relaxada e excitada como nunca, mas ainda leva um tempo para conseguir enfiá-lo em mim, com algumas tentativas e muitas manobras cuidadosas. Quando ele está todo dentro de mim, estou suando, e Erik está encharcado. Ele tem um cheiro delicioso, como sal e sabonete. Então eu passo a língua no ponto de sua mandíbula onde as gotas estão se acumulando.

– Você pode...? – começa ele, arqueando hesitante o corpo na minha direção. Nós dois soltamos um gemido.

– O que você quer?

– Quero sentir os seus peitos.

– Ah.

Tinha me esquecido da camiseta. Eu me endireito para tirá-la, o que envolve algumas torções e movimentos que fazem Erik ofegar e tentar estabilizar meus quadris novamente. *Não são muito grandes*, eu quase aviso. Mas me lembro de algo que ele disse antes. *A combinação extraordinária de todas as características que eu acho atraentes.*

– É verdade mesmo? Que eu sou seu tipo, fisicamente?

Suas pupilas dilatadas acompanham o progresso das minhas mãos.

– Eu já tinha reparado em você.

– Reparado em mim?

Abro o fecho do sutiã. Ele se contorce dentro de mim. Sua mandíbula se contrai.

– No prédio. No saguão. – Ele fecha os olhos. Em seguida, os abre. – Uma vez no elevador.

Eu tiro o sutiã, sentindo-me idiota por estar preocupada. Erik está olhando para o meu corpo como se ele estivesse em algum lugar entre o sagrado e o deliciosamente pornográfico.

– No que você reparou?

– Sadie. – Ele engole em seco. – Em muita coisa.

– E...

Eu empurro meus joelhos para baixo e giro os quadris duas vezes, indo um pouco mais fundo. Um centímetro só, mas o atrito, a sensação de plenitude... E eu reviro os olhos. Não sabia que algo poderia estar tão dentro de mim e provocar uma sensação tão boa. Não poderia imaginar.

– E o que você achou?

– Ai, *caralho*. – Um som desesperado sai da garganta de Erik. – Isso. Isso e muito mais. – Ele engole. – Muitas outras coisas, e... Sadie, você precisa me dar um minuto pra me ajustar ou eu vou... – Erik parece tão impressionado com isso tudo quanto eu. Seus olhos estão fechados, suas mãos me agarram com força e seus dentes afundam no meu ombro. – Sadie, eu estou quase...

– Relaxa. – Eu ofego em meio a um sorriso contra sua orelha, vibrando como se estivesse prestes a entrar em colapso. – Você está indo tão bem, Erik...

Meu orgasmo vem como uma avalanche, e então ele goza, e, quando aperto meus braços em volta do pescoço dele, não pretendo soltar nunca mais.



De manhã, eu o observo se barbear na frente do espelho só porque posso.

Ele usa um barbeador que se parece com os que compro para minhas pernas (ou seja, o mais barato do supermercado). Se ele se importa com a presença da garota de olhos turvos que dormiu menos de duas horas e está sentada enrolada em uma toalha na bancada da pia, disfarça bem. Mas tenho quase certeza de que

não se importa. Principalmente porque foi ele que me colocou aqui.

– Você é tão alto – digo, um pouco cansada, um pouco boba, recostando-me no espelho.

Sua boca se contrai.

– Você não é.

– Eu sei. Por isso minha carreira no futebol chegou ao fim.

– Crystal Dunn não é baixinha? – pergunta ele, enxaguando o barbeador. Ele seca as mãos na calça do pijama, que tem um caimento deliciosamente baixo em seus quadris. – Meghan Klingenberg também. E...

– Cala a boca – digo com leveza, o que só o diverte ainda mais.

Ele guarda o barbeador e se aproxima, as mãos deslizando por baixo da minha toalha e descansando nas minhas costas, quentes, instintivas e incrivelmente familiares. Como se fosse algo que ele vem fazendo todos os dias ao longo da vida inteira. Como se fosse algo que ele planeja fazer todos os dias pelo que resta de sua vida.

Adoro isso. A maneira como ele me puxa para ele. A maneira como fica excitado, mas parece estar tranquilo com o fato de o lance não passar disso. A forma como seu rosto se aninha no meu pescoço. *Adoro* isso. Mas...

– Eu só acho que você é alto demais – digo contra sua clavícula. – Prevejo problemas de pescoço pra nós dois.

– Hum. Provavelmente vamos precisar de cirurgia daqui a alguns anos. – Seu sorriso viaja pela minha pele. – Tem um bom plano de saúde?

– Mais ou menos.

– O meu é bom. Você deveria aderir a ele quando... – Ele para de falar. Recomeça dizendo: – Almoça comigo hoje.

– Eu não costumo almoçar – respondo. – Sou mais do tipo que toma um café da manhã reforçado e depois faz uns quarenta lanchinhos ao longo do dia.

– Toma um café da manhã reforçado e faz quarenta lanchinhos comigo, então.

Dou risada. Sim. Sim. *Sim*.

– Qual é a estação de metrô mais próxima?

– Eu te levo pro trabalho.

– Preciso passar em casa primeiro. Dar comida pro Ozzy. Lembrá-lo do meu amor incondicional por ele.

– Eu te levo em casa e depois te levo pro trabalho. Você pode me apresentar ao seu hamster.

– Porquinho-da-índia.

– Tenho certeza de que são a mesma coisa.

Dou risada de novo, exausta, sonolenta e nas nuvens, e não posso deixar de imaginar como esta manhã seria diferente se Erik não tivesse sido a pessoa que comprou o croissant de Faye.

Não posso deixar de me perguntar se este é o primeiro dia do resto da minha vida.



Capítulo Nove

PRESENTE

– Eu não... Não é isso... Não é nem... Se você...

Estou gaguejando feito uma tonta, que maravilha. Fantástico. Empoderador. Sou um modelo para todas as mulheres rejeitadas do mundo.

Erik ainda está agachado na minha frente, como se pretendesse levar a conversa até o fim. Eu me sento, esticando as costas contra a parede do elevador, e respiro fundo. Tento me recompor.

Vou falar o que penso. Vou dizer como ele é um babaca. Vou jogar em cima dele o acumulado de três semanas de lágrimas no chuveiro. Vou repreendê-lo por estragar sorvete de pistache e gatos alaranjados para mim. Vou *acabar com ele*.

Mas, aparentemente, só depois que eu fizer a pergunta mais idiota da história das perguntas idiotas:

– Você realmente achou que o sexo não foi bom?

Uau, Sadie. Um ótimo jeito de fazer com que o objetivo de toda essa conversa

se perca totalmente.

Ele bufa.

– *Eu* obviamente não achei isso.

– Então por que você disse que...

– Sadie. – Ele me analisa por um instante. – Você está falando sério?

Sinto meu rosto enrubescer.

– Foi você que tocou no assunto.

– Como assim? Você sabe o que... Ok. Certo. Muito bem. – Ele engole em seco. Parece... não muito chateado, mas definitivamente o mais chateado que já vi. Chateado num nível dinamarquês, talvez. – Umas três semanas atrás, eu estou tomando meu café da manhã desagradável de sempre quando conheço essa mulher linda e incrível. Deixo de lado minhas reuniões matinais e ignoro meu celular... fazendo meus colegas de trabalho quase enviarem uma equipe de busca... porque tudo em que consigo pensar é como seria divertido me sentar com ela num banco de parque coberto de cocô de passarinho e falar sobre... sei lá. Não importa, na verdade. Estar com ela é bom nesse nível. E, como aparentemente é o meu dia de sorte, eu consigo convencê-la a sair pra jantar comigo, e ela não é apenas simpática, inteligente e engraçada, mas também parece que nós dois temos mais coisas em comum do que eu imaginava ser possível e... Bem, é a primeira vez que isso acontece comigo. Não sou um especialista em relacionamentos, mas reconheço como isso é raro. Como é absolutamente único. Eu quero ir devagar, porque a ideia de estragar tudo me apavora, mas ela pede pra ir pra minha casa.

Ele solta o ar com uma única risada amarga. Então continua:

– Eu deveria pisar no freio, mas não tenho nenhum autocontrole quando se trata dela, então digo que sim. Passamos uma noite juntos e transamos muito. E, *sim*, Sadie, foi realmente fenomenal pra caralho de um jeito que muda a vida de uma pessoa e que eu nunca imaginei que fosse precisar explicar. É óbvio que ela não faz isso com frequência, rolam alguns percalços, mas... *sim*. Você estava lá. Você sabe. – Ele contrai os lábios e desvia o olhar. – Ela pega no sono e eu a observo e penso: *Isso é diferente de tudo. Quase assustador.*

Eu me mantenho em silêncio, apenas escutando.

– Daí é de manhã e ela ainda está lá. E, quando me despeço dela, ela sai correndo atrás de mim e estamos no trabalho, tem gente por perto, não podemos

nos beijar ou algo assim, mas ela estende a mão, pega a minha e aperta com força. E talvez eu não precise ter medo. Vai dar tudo certo. Ela não vai a lugar nenhum. – Ele se vira para mim. Seus olhos estão frios agora, escuros sob as luzes amarelas. – E então chega a noite. O dia seguinte. E o outro. E não tenho notícias dela. Nunca mais.

Encaro Erik por longos segundos, absorvendo cada palavra, cada pequena pausa, cada significado do que não foi dito. Então me inclino para a frente e, com os dentes cerrados, digo:

– Eu te desprezo.

– Por quê?

Ele está silenciosamente furioso, mas não tenho medo dele. Só quero magoá-lo. Magoá-lo tanto quanto ele me magoou.

– Porque você é *um mentiroso*.

– Eu?

– Do pior tipo.

– Certo. Claro.

Nossos rostos estão a cerca de dois centímetros de distância. Consigo sentir o cheiro dele e o ódio ainda mais.

– E sobre o que eu menti?

– Fala sério, Erik. Você sabe exatamente o que fez.

– Eu achava que sim, mas pelo jeito não. Por que não explica pra mim?

– Claro. – Eu me afasto abruptamente, recostando-me na parede e cruzando os braços. – Muito bem. Vamos falar sobre como você me usou pra roubar clientes da GreenFrame.



Capítulo Dez

DUAS SEMANAS E SEIS DIAS ATRÁS

– É isso mesmo que acabei de ver? Você com Erik Nowak?

A voz de Gianna me tira do estado semicomatoso em que estive nos últimos cinco minutos, simplesmente olhando para o Funko Pop da jogadora Megan Rapinoe em cima da minha mesa e... suspirando.

Eu me sinto drogada de uma maneira agradável e deliciosa. Por conta da falta de sono, suponho. E do waffle macio e coberto de calda que Erik comprou para mim na lanchonete perto da minha casa. E da história hilária que me contou enquanto tomava seu café, de como duas semanas atrás ele adormeceu no sofá e acordou com o Gato lambendo seu sovaco.

Quero mandar uma mensagem para ele. Quero ligar para ele. Quero pegar o elevador e ir lá embaixo para sentir o cheiro dele. Mas não vou fazer isso. Eu não sou tão *esquisita assim*. Não em público, pelo menos.

– Fico feliz em ver que você voltou. – Sorrio para Gianna, que está recostada na minha mesa. Ela deve ter entrado na minha sala enquanto eu estava sonhando

acordada. – Como está o Presley?

– Melhor. Mas agora Evan e Riley estão com alguma virose que envolve um volume superdivertido de diarreia. Eu vi você no saguão com um cara alto... Era Erik Nowak?

– Ah. Hum...

Talvez eu esteja corando. Não tenho motivo para isso (Gianna é tranquila e não costuma julgar as pessoas), mas o que aconteceu ontem à noite parece tão... privado. E novo. Não contei sequer para Hannah e Mara (tirando os emojis de berinjela e coração que enviei em resposta às setenta mensagens de texto que encontrei hoje de manhã no meu celular perguntando “Como foi?”). É estranho falar sobre isso com a minha chefe. Se bem que mentir a respeito iria ser ainda mais estranho, certo?

– Sim. Você o conhece?

– *Aquele* Erik Nowak? O Erik Nowak da ProBld?

Eu inclino a cabeça. Existem outros?

– Aham.

– Vocês são amigos?

– Acabamos de nos conhecer.

– Então vocês não são tipo superamigos. – Ela parece aliviada. – Tá bem. Ótimo. Como vocês estavam rindo juntos, eu só queria ter certeza.

– Por quê...? Seria um problema se fôssemos?

– Não exatamente. Quer dizer, eu jamais sonharia em dizer com quem você deve ou não sair. Mas vocês dois pareciam um pouco... próximos, e eu só queria ter certeza... você sabe. – Ela dá um tapinha no ar com desdém. – Se vocês *fossem* amigos e se falassem regularmente, eu ia só pedir pra você tomar cuidado e ser muito, *muito* cautelosa ao falar de trabalho com ele. Mas, já que vocês são só conhecidos, então...

– Por que eu deveria... – Franzo a testa, girando minha cadeira para encará-la melhor. Essa conversa é muito estranha, e me pergunto se devo tomar outro café antes que ela continue. – O que você quer dizer com *tomar cuidado e ser cautelosa*?

Ela abre a boca. Em seguida, a fecha, olha em volta para ter certeza de que nenhum dos estagiários está por perto e a abre novamente.

– Um tempo atrás a ProBld me fez uma proposta. Basicamente, eles queriam

comprar a GreenFrame e o nosso portfólio de clientes, e meio que incorporá-la como uma divisão da empresa deles.

– Ah – digo, sem qualquer expressão. Erik não mencionou isso ontem à noite. Mas Gianna também nunca tinha falado a respeito. – Eu não fazia ideia.

– Bom, isso foi antes de eu te contratar. Uns dois, três anos atrás, antes das crianças. E, pra ser sincera, não foi a primeira nem a última oferta que recebi.

– Claro. Soube que a Innovus te fez uma proposta.

– E a JKC. Pois é. Mas a ProBld foi meio... insistente. – Ela revira os olhos. – A razão pela qual eles queriam a gente a bordo é que estão se esforçando muito pra crescer no mercado ecologicamente sustentável, mas não têm tido muito sucesso em atrair pessoas realmente qualificadas como... Bem, como você. Já que a maioria dessas pessoas prefere ir pra firmas mais especializadas. Não me entenda mal, eles vêm contratando engenheiros promissores, mas não têm a expertise necessária ainda. Então me fizeram uma oferta muito boa, eu disse “Não, obrigada, prefiro ser minha própria chefe”, e por alguns meses parecia que tudo continuaria como de costume. – Ela faz uma pausa. – Foi aí que começou.

Balanço a cabeça, confusa.

– Começou o quê?

– A dar várias merdas. A pior delas foi irem atrás de alguns dos nossos clientes pra fazer com que eles migrassem pra ProBld. Ouvi dizer que alguns funcionários deles também andaram xeretando nossas obras. Não é exatamente uma coisa legal de se fazer.

Minha expressão endurece. Isso parece... ruim. Muito ruim.

– Gianna, só pra deixar claro... – Respiro fundo. – Ontem à noite eu saí com Erik pra jantar. Então nós... Acho que *somos* próximos. Mas ele é incrível e não faria nada parecido com o que você descreveu – digo com uma certeza maior do que provavelmente deveria sentir, já que o conheço faz só 24 horas. Mas é o *Erik*. Eu confio nele. – Não sei o que os sócios e o pessoal do alto escalão andam fazendo na ProBld, mas tenho certeza de que ele jamais compactuaria com algo assim.

– Bem, ele é um dos sócios.

Eu só pisco.

– Ele... Como é que é?

– Erik é um dos sócios.

De repente sinto frio. E muita, muita náusea.

– Ele é um... Do que você está falando?

– Você falou que saiu pra jantar com ele. Quer dizer que ele não mencionou que é um dos sócios fundadores da empresa? – Ela deve estar lendo a resposta no meu rosto, porque sua expressão muda para algo que se parece muito com pena.

– Ele abriu a ProBld com dois colegas assim que terminou a faculdade. O resto você já sabe.

“Eu adoraria roubar você... Eu posso pagar mais. Me diz o valor... Estou muito aberto a negociar.”

“Peraí... Você?”

“A ProBld.”

– Ele sabe que você é engenheira? – pergunta Gianna.

Dou um pigarro.

– Sim. Falei pra ele que trabalhava na GreenFrame.

– Antes ou depois de ele te convidar pra sair?

– Eu... – Esse não foi o motivo. Não foi. Não pode ter sido. – Antes.

– Ai, Sadie... – Mesmo tom de antes, agora com mais pena. – Mas você não contou pra ele nada específico sobre nossos projetos, estratégias e clientes, certo?

– Eu... – Massageio a testa, que de repente parece estar a um segundo de explodir. – Acho que não.

– Ele perguntou alguma coisa?

– Não, ele...

Sim. Sim, ele perguntou.

Posso vê-lo claramente, sentado à minha frente no restaurante. Seu quase sorriso. Seu jeito elegante e voraz de comer.

“Aliás, como foi?... Sua apresentação... Quem é o cliente?... Então você conseguiu o projeto?”

– Sadie? Você está bem?

Não. Não. Não.

– Eu... talvez tenha mencionado alguma coisa. Sobre o projeto Milton. O assunto surgiu no meio da conversa, e eu... eu sabia que ele era engenheiro, então entrei em mais detalhes do que deveria, e...

Gianna cobre os olhos com a mão, e desejo que o chão se abra e me engula inteira. A sensação de entorpecimento e felicidade desta manhã se dissolveu,

substituída por pavor e um forte desejo de vomitar meu waffle por todo o chão.

– Gianna, sei que parece tendencioso, mas não acho que Erik faria algo como o que você mencionou. A gente realmente se deu bem ontem à noite, e...

Minha voz falha, o que é bom. Não suporto mais me ouvir falando.

Ele não disse que era sócio. Por que não me contou? Por que estou me sentindo tonta?

– Espero que você tenha razão – diz Gianna, com ainda mais daquela inquietante compaixão nos seus olhos.

Ela se afasta da minha mesa, os saltos altos ressoando, em direção à sua sala, e não olha para trás.

Sinto que posso começar a chorar. E também sinto que isso é um mal-entendido idiota e sem sentido do qual vou dar risada depois. Não tenho ideia de qual é a coisa certa a fazer, então tento me concentrar no trabalho, mas estou muito cansada, preocupada ou horrorizada.

Às duas da tarde, Erik me manda uma mensagem: *“Tenho reuniões até as 19h. Posso te levar pra sair depois?”* Penso em nosso jantar ontem à noite, em um restaurante ao qual ele costuma levar clientes. Será que para ele eu sou trabalho?

Dois minutos depois, ele acrescenta: *“Ou eu posso cozinhar pra você.”*

E depois: *“Antes que você pergunte: não, nada de arenque.”*

Encaro as mensagens por um longo tempo e então me levanto para dar uma olhada na copiadora, que está apitando por causa de atolamento de papel. Arranco a folha problemática e a joga na lixeira, sem conseguir enxergar muito bem o que está na minha frente.

Respondo e-mails. Ligo para um arquiteto. Sorrio para os estagiários e peço que me ajudem com uma pesquisa. Espero por... Não sei pelo que estou esperando. Um sinal. Que essa confusão esquisita e apocalíptica se dissipe. Fala sério: Erik não saiu comigo como uma desculpa para algum tipo de... espionagem corporativa idiota ou coisa parecida. Não estamos em um livro do John Grisham, e mantenho o que disse a Gianna: meu instinto me diz que ele nunca, jamais faria algo desse tipo. Infelizmente, não tenho certeza se meu instinto não está mentindo para mim. Acho que meu instinto pode estar apenas a fim de dar uns amassos no homem mais atraente do mundo durante o intervalo dos jogos de futebol.

A copiadora emite três bipes e depois mais três. Ao que parece, não consertei

nada.

Às cinco e meia, ouço o telefone de Gianna tocar, e, dez minutos depois, ela sai cautelosamente de sua sala, parando na frente da minha mesa. Os estagiários se foram. Somos só eu e ela no escritório.

Minhas entranhas estão geladas. Sinto um aperto no estômago.

– Adivinha qual projeto a gente não conseguiu – diz ela. Seu tom é delicado. Gentil. Verdade seja dita, não há nenhum indício de “Eu te avisei”. – E adivinha qual empresa eles decidiram contratar.

Fecho os olhos. Não consigo acreditar nisso. Não quero acreditar nisso.

– O pessoal do Milton disse que compareceu a outra reunião de apresentação hoje. Sustentabilidade semelhante. Custos mais baixos, porém, pois é uma empresa maior. Perguntaram se eu poderia cobrir a oferta deles, e eu disse que não.

Meus olhos permanecem fechados. Eu não os abro por muito, muito tempo. Tudo está girando. Eu só estou tentando ficar parada.

– Eu... Eu estraguei tudo – digo, quase num sussurro.

Estou chorando. Claro que estou chorando. Sou uma idiota, meu coração está partido e é claro que eu estou chorando, merda.

– Você não tinha como saber, Sadie.

A copiadora apita novamente, seis vezes seguidas. Eu meneio a cabeça para Gianna, a observo ir embora e penso em coisas quebradas, coisas quebradas que às vezes não podem ser consertadas.



Capítulo Onze

PRESENTE

Quebro a cabeça tentando lembrar se durante nosso jantar Erik alguma vez mencionou ter feito aulas de teatro. Se eu não soubesse o que ele fez, talvez caísse naquela encenação. Pelo jeito que ele está piscando confuso para mim, quase poderia acreditar que ele não faz ideia do que estou falando.

Valeu a tentativa.

– Fala sério, Erik.

Ele franze a testa. Ainda está agachado na minha frente.

– Quais clientes?

– Para de fingir.

– Quais clientes?

– Nós dois sabemos que...

– *Quais. Clientes.*

Eu contraio os lábios.

– Milton.

Ele balança a cabeça, como se o nome não lhe dissesse nada. Se eu tivesse uma faca à mão, provavelmente enfiaria nele. Através dos músculos, direto no seu coração.

– O centro de recreação em Nova Jersey.

Leva um segundo, mas detecto um vislumbre de reconhecimento.

– Da apresentação? Aquela que você ia fazer no dia da Faye?

– É.

– Você fechou com esse cliente, não foi?

Eu cerro os dentes. Forte.

– Vai se foder, Erik.

Ele solta o ar pela boca, impaciente.

– Sadie, eu estou totalmente perdido, então, se você não me situar...

– Eu *quase* fechei com esse cliente. Só que, depois de passarem por uma apresentação praticamente idêntica à minha, eles decidiram optar pela ProBld. Isso te faz lembrar alguma coisa?

Não faz. Bem, tenho *certeza* que deve lembrar. Mas seu talento como ator parece ter voltado, e Erik de fato se mostra completamente confuso. Seus olhos se estreitam, e quase posso vê-lo tentar vasculhar as próprias memórias.

Dou um suspiro.

– Isso é... cansativo demais, Erik. Gianna me contou tudo. Eu sei que a ProBld tentou comprar a GreenFrame. Não sei se você saiu comigo planejando prejudicar a empresa, ou se aproveitou a oportunidade, mas o que *sei* é que você usou o que falei no jantar pra preparar uma apresentação bem parecida com a minha, porque o cliente... o *seu* cliente... admitiu isso pra gente.

– Eu não fiz isso.

– Aham. Com certeza.

– Eu *realmente* não fiz.

– É claro que não.

Eu reviro os olhos.

– Não, é sério. Você parou de falar comigo porque, coincidentemente, acabamos pegando um cliente seu?

– Duas apresentações tão semelhantes *não são* coincidência...

– Devem ser. Eu nem sabia que esse cliente era nosso.

– Como você pode não saber quais projetos estão acontecendo na sua

empresa?

– Porque eu *não sou* um funcionário júnior. – Seu tom dá a entender que ele está começando a ficar frustrado comigo. Isso é bom, porque estou frustrada com ele há semanas. – Tenho um cargo de liderança e gerencio pessoas que gerenciam pessoas que gerenciam *mais* pessoas. Não somos a GreenFrame, Sadie. Eu supervisiono diversas equipes e passo meus dias em reuniões chatas com topógrafos, gestores de controle de qualidade e advogados especializados em patentes. A menos que seja um negócio de prioridade alta ou um projeto extremamente lucrativo, posso nem ser informado até que esteja bastante adiantado. Meu trabalho é tomar decisões globais e dar diretrizes pra que...

Ele para e recua. Em um segundo ele está se inclinando na minha direção; no outro, suas costas estão retas e ele está beliscando a ponta do nariz entre o polegar e o indicador. Fica assim por longos segundos, de olhos fechados, e então explode em uma voz baixa e sincera:

– *Merda.*

É a minha vez de ficar confusa.

– O que foi?

– Merda.

– O quê... Por que você está fazendo isso?

Ele olha para mim, nem um pinga da exasperação anterior em sua expressão.

– Você tem razão.

– Sobre...?

– Fui eu. Foi minha culpa você não ter conseguido o cliente. Mas não pelo motivo que você pensa.

– Como assim?

– No dia depois que a gente... – Ele esfrega a mão no rosto cansado. – Naquela manhã, tive uma reunião com um dos gestores de engenharia que supervisiono. Ele me disse que estava aprimorando uma proposta pra um projeto que pedia especificamente características de sustentabilidade. Ele não entrou em detalhes e eu não perguntei, mas, como não é nosso forte, ele queria saber se eu tinha algum material de pesquisa. Mande pra ele um artigo acadêmico. – Ele engole em seco. – Aquele que você escreveu.

Fico zozza. Estou sentada, mas sinto como se fosse cair.

– O meu artigo? O meu artigo sobre modelos pra engenharia sustentável?

Ele assente devagar. Desamparado.

– Também enviei sua tese por e-mail pra toda a empresa e encorajei todos os líderes de equipe a lerem. Mas isso só alguns dias mais tarde, depois que eu mesmo terminei de ler.

– A minha tese? – Devo ter escutado mal. Certamente estou no meio de um AVC. – A minha *tese de doutorado*?

Ele faz que sim com a cabeça, parecendo querer se desculpar. Eu... acho que nem estou mais brava. Ou talvez esteja, mas a raiva se diluiu no choque completo e absoluto de ouvir que...

– Como você conseguiu a minha tese? E o meu artigo?

– O artigo estava no Google Acadêmico. A tese... – Ele contrai os lábios. – Eu pedi pra um bibliotecário da Caltech me enviar um link pra download.

– Você pediu pra um bibliotecário te enviar um link pra download – repito lentamente. Estou vivendo em uma dimensão paralela. Onde os átomos são feitos de caos. – Quando?

– Na manhã seguinte. Quando cheguei ao escritório.

– Por quê?

– Porque eu queria ler.

– Mas... por quê?

Ele olha para mim como se eu fosse um pouco lerda.

– Porque você escreveu.

Talvez eu seja um pouco lerda.

– Então você estava tentando... deduzir qual teria sido a apresentação da GreenFrame com base nas minhas publicações?

– Não. – Seu tom de voz deixa de lado um pouco da culpa e volta a ser três quartos firmeza, um quarto indignação. – Eu queria ler o que você escreveu porque me interessei pelo assunto, porque no jantar ficou muito óbvio que você é uma engenheira melhor do que a maioria das pessoas na ProBld, e me incluo nisso, e porque, cerca de cinco minutos depois que comecei meu dia de trabalho, percebi que, já que não ia mesmo parar de pensar em você, pelo menos poderia tornar isso produtivo de algum jeito.

Ele faz uma pausa antes de prosseguir:

– E, enquanto eu lia, fui percebendo que seu trabalho é excelente, e compartilhá-lo com todo mundo pareceu a coisa mais óbvia a fazer. Eu não

imaginei que estivesse entregando sua apresentação pra toda a minha empresa, e... Merda. Eu simplesmente não pensei. – Ele esfrega as costas da mão contra a boca. – Foi culpa minha. Não foi de propósito, mas assumo total responsabilidade. Vou conversar com meu gestor de engenharia e com o cliente e... vou dar um jeito nisso. A gente vai encontrar uma maneira de garantir que você receba o crédito que merece.

Fico só olhando para ele, perplexa. Isto é... Ele não deveria estar dizendo nada daquilo. Ele deveria... Sei lá. Insistir. Defender suas próprias atitudes de merda. Me fazer odiá-lo ainda mais.

– Pro futuro, podemos elaborar um contrato. Algo sobre não ir atrás dos seus clientes em potencial. Não sei como, mas vou conversar com Gianna.

Como é que é?

– Duvido que os seus sócios concordem com isso.

– Eles vão concordar quando eu explicar a situação pra eles – diz ele, como se fosse um assunto decidido.

– Claro, porque você é um deles. – Minha raiva está de volta. Ótimo. Perfeito.
– *Mais* uma mentira sua, a propósito.

Desta vez, ele... ele está *corando*?

– Eu não menti.

– Você simplesmente omitiu. Bela saída pela tangente.

– Não é isso. Eu... – Pela primeira vez desde que o conheci, este homem sério e seguro de si parece levemente constrangido, e eu... não consigo desviar o olhar.

– Eu não tinha certeza se você sabia. A maioria das pessoas que conheço parece já saber... Sim, eu sei como isso soa. Aí, então, durante o jantar, você me contou como trabalhar pra uma empresa era diferente da vida acadêmica. Como você sentia falta das suas amigas. Achei que me gabar de como me formei e consegui fazer essa transição com os *meus* amigos poderia esperar alguns dias.

– Isso soa realmente... – Plausível, na verdade. Meio atencioso até, ainda que de um jeito estranhamente deslocado. – Suspeito.

Ele solta uma risada. Como se eu estivesse sendo ridícula.

– Suspeito.

– Eu só... – Ergo as mãos. – Por que a gente está fazendo isso, Erik? É óbvio que você tinha algum motivo escuso pra me convidar pra sair. Tentou até me oferecer um emprego!

– Claro, Sadie. Eu ofereceria de novo. Vou fazer isso agora mesmo. Quer vir trabalhar pra mim? Porque essa oferta está de pé e...

– *Para.* – Levanto a palma da mão, coloco-a entre nós como a parede mais inútil do mundo. – Por favor, só... para com isso.

– Tá bem. – Erik respira fundo. Quando ele fala, sua voz é calma. – Olha, o que aconteceu foi o seguinte, e me corrija se eu estiver errado: você achou, com base no que alguém da sua confiança te contou, que eu dormi com você pra roubar um cliente e me vingar da Gianna por não querer vender a empresa, o que talvez soe um pouco inverossímil, mas... eu entendo. Era pra onde os indícios apontavam. Certo?

Faço que sim. Sinto uma pressão forte atrás dos olhos.

– Tá. – Ele continua pacientemente: – Essa é a sua versão do que aconteceu. Mas estou pedindo que você leve a minha em consideração. Embora eu tenha feito uma grande merda ao enviar o seu trabalho pra minha equipe, eu não sabia das consequências até cerca de cinco minutos atrás. Porque eu te liguei, mas você nunca atendeu. E, quando subi pra te procurar, Gianna disse que tinha certeza de que você não queria me ver. E gosto de pensar que não sou o tipo de babaca que fica ligando pra uma mulher que pede pra ele não ligar, então recuei. Mas eu também não conseguia parar de pensar em você, por isso tentei desesperadamente entender o motivo de você ter se afastado, a ponto de eu repetir na minha cabeça o que aconteceu entre nós naquela noite todos os dias... dia após dia... nas últimas três semanas.

– Erik...

– Eu não estou exagerando. – Isso seria muito mais fácil se seu tom fosse acusatório. Mas não era. Ele soa razoável, lógico, sério e sincero, e eu só quero gritar. – Eu destrinchei cada minuto, cada segundo de cada interação, e, depois de decompor tudo em partes, a única conclusão a que consegui chegar foi que tudo que eu fiz de errado deve ter acontecido depois que você pediu pra ir pra minha casa, e com isso sobrou apenas o que nós fizemos lá.

– Não foi isso que...

– E eu fiquei com medo, um medo que nunca senti antes, de ter te magoado. – Ele estica a mão. Envolve o meu rosto. – De ter te causado dor... *de algum jeito.* Que eu não pudesse reparar. E, preciso dizer, isso não tem graça nenhuma quando você sabe em seu cérebro reptiliano que está a cerca de cinco minutos de

se apaixonar por alguém. – Ele fecha os olhos. – Talvez cinco minutos atrasado. Não sei mesmo dizer.

As palavras de Erik fazem o chão se mexer e tremer. Elas me levam a despencar forte e depressa, inundam meu cérebro com um flash ofuscante de luz, e elas... Peraí.

Peraí.

– A luz voltou – digo com um arquejo, percebendo que o elevador está funcionando novamente.

Erik deve ter notado também, mas não parece surpreso nem faz qualquer movimento para se afastar de mim. Ele continua me olhando nos olhos, como se esperasse uma resposta minha, por um retorno, mas eu não posso, não *vou* dar isso a ele. Eu me desvencilho da mão no meu rosto e pego a minha bolsa, saindo do canto onde me enfiei.

– Sadie. – Quando as portas se abrem no primeiro andar, eu desço do elevador. Erik está bem atrás de mim. – Sadie, você pode...

– Erik! – alguém chama do outro lado do saguão, a voz ecoando pelo mármore. Há um pequeno grupo de pessoas conversando com dois homens uniformizados da manutenção. – Você está bem?

Estou quase certa (a partir da pesquisa carregada de ódio que fiz sobre a ProBld depois da nossa desavença) que é um dos sócios. Com outros que trabalham até tarde, obviamente.

– Estou – responde Erik, sem se mover na direção deles.

– Você ficou preso no elevador?

– No menor. – Há um tom de impaciência na voz de Erik, que muda para algo muito mais suave quando ele se vira para mim e diz: – Sadie, vamos...

– Eram só vocês dois? – pergunta o homem. – Na verdade, o pessoal da manutenção está tentando se certificar de que ninguém da ProBld ainda esteja preso. Pode vir aqui rapidinho?

O “Claro, já vou aí” de Erik foi tão cortante que poderia quebrar diamantes.

Eu me viro para ir embora, mas sua mão se fecha ao redor do meu bíceps, e sinto seu aperto viajar através de cada terminação nervosa do meu corpo.

– Fica aqui, tá bem? Eu só preciso de cinco minutos pra falar com você. Pode me dar cinco minutos? Por favor?

Ele mantém os olhos nos meus até eu concordar com a cabeça.

Uma vez, porém, que ele vira as costas para mim, não hesito nem por um segundo. Esfrego o local onde ele acabou de me tocar até não poder mais senti-lo e então saio de fininho para o ar quente da noite.



Capítulo Doze

– Peraí. Peraí peraí peraí peraí peraí. Peraí peraí peraí. Peraí.

No centro do monitor do meu Mac, Mara ergue os dois dedos indicadores para chamar a minha atenção e a de Hannah. Como se já não estivéssemos atentas.

– Peraí. Durante todo esse tempo a gente vem fazendo círculos de invocação semanais pra esse cara ter verrugas genitais, fungos nas unhas dos pés e aquelas espinhas internas gigantes que a gente vê as pessoas removendo cirurgicamente no YouTube... e, na verdade, ele não *merecia* nada disso?

Dou um gemido.

– Não. Não sei. Sim. Talvez?

– Saindo um pouco do assunto: quanto tempo vocês ficaram naquele elevador? – pergunta Hanna.

– Não tenho certeza. Uma hora? Menos? Por quê?

Ela dá de ombros.

– Só estou na dúvida se isso poderia ser síndrome de Estocolmo.

Dou outro gemido, me largando na cama. Ozzy se aproxima para me cheirar, só para ter certeza de que não me transformei em um pepino desde a última vez

que ele verificou. Depois sai correndo, desapontado.

– Tá bem – diz Mara –, vamos voltar um pouco. O que ele disse é plausível?

– Não. Não sei. Sim. Talvez?

– Juro por Deus, Sadie, se você...

– Sim. – Eu me sento na cama. – Sim, faz sentido. Eu realmente detalhei o modelo das minhas propostas de sustentabilidade no artigo que publiquei, e o detalhei ainda mais na minha tese...

– Talvez você devesse ter restringido o acesso – interrompe Hannah, brincando com seu cabelo escuro.

– ... cujo acesso eu *definitivamente* deveria ter restringido, então é possível que alguém que leu meu material pudesse usá-lo pra fazer uma apresentação igual à minha. É claro que, quando se trata de realmente *executar* o trabalho, eles não vão ter a experiência que Gianna ou eu temos, mas isso é um problema pra depois. Acho que o que Erik disse é... concebível.

– Então, nada de fungos genitais? – pergunta Mara. – Tipo, parece justo, levando em conta que você *publicou* o artigo *e* escreveu a tese pra incentivar as pessoas a adotarem sua abordagem.

– É. Sim. – Fecho os olhos, desejando desaparecer pela décima sétima vez nas últimas duas horas. Quem sabe um portal para outra dimensão tenha aparecido no meu armário desde a última vez que verifiquei. Talvez eu possa ir para o Mundo Onde Meus Atos Não Têm Consequências. – Eu realmente não imaginei que isso poderia ser usado pelos meus concorrentes diretos.

– Entendo – diz ela, com um tom que sugere um forte “mas”. – *Mas* também não tenho certeza de que seja culpa do Erik.

– E ele pediu desculpa – acrescenta Hannah. – Além disso, o fato de ele ter lido sua tese é até fofo. Quantos dos caras com quem eu transei você acha que leram as minhas coisas?

– Nenhuma ideia. Quantos?

– Bom, como você sabe, eu acredito piamente que sexo e conversa não combinam, mas eu estimaria em... um baita de um zero?

– Faz sentido – diz Mara. – Você também disse que ele se ofereceu pra encontrar uma maneira de resolver a situação. E isso não parece algo que ele faria se não se importasse com você.

– Concordo. – Hannah assente. – Meu voto é “não” pra espinhas genitais.

– O meu também. Estou dissolvendo o círculo de invocação agora mesmo.
– Não, peraí, nada de dissolver o círculo, eu... – Esfrego os olhos com as palmas das mãos. – De que lado vocês estão mesmo?

– Do seu, Sadie.

– Ao contrário de você mesma – completa Hannah.

– Eu... E o que isso *significa*?

Elas se entreolham. Sei que estamos em uma chamada do Zoom e é tecnicamente impossível elas se entreolharem, mas eles *estão trocando um maldito olhar*. Eu consigo *sentir*.

– Bom – diz Hannah –, a questão é a seguinte. Você conhece esse cara. E transa com ele. E é uma transa muito da boa, uhul. No dia seguinte, você fica sabendo que ele é um babaca e seguem-se três semanas de lágrimas e sorvete, o que é cerca de doze vezes mais intenso do que quando você terminou com um cara com quem estava namorando havia *anos*. Mas então você descobre que foi tudo um mal-entendido, que as coisas podem ser corrigidas, e... você vai embora? Você disse que ele queria conversar mais, e é óbvio que está interessada em ouvir o que ele tem a dizer. Então, *por que* você foi embora, Sadie?

Olho para os olhos implacáveis, pragmáticos e gentis de Hannah, que combinam muito bem com sua voz implacável, pragmática e gentil, e murmuro:

– Eu gostava mais quando você estava na Lapônia.

Ela sorri.

– Eu também, e é por isso que estou tentando ir pra lá de novo... Mas vamos voltar a discutir suas *péssimas* habilidades de comunicação.

– Elas não são tão ruins assim.

– Ah. Meio que são, sim – diz Mara.

Agora é Mara quem eu fuzilo com o olhar.

– Quer saber de uma coisa? Eu aceito que minhas habilidades de comunicação sejam ruins, mas me recuso a ser constrangida por alguém que está prestes a ir comprar alianças com o cara que ela quase denunciou pra polícia por ter deixado um recibo da farmácia na secadora.

– Humpf, eles não vão sair pra comprar alianças. – Hannah dá um tapinha no ar com desdém. – Aposto que ela vai ganhar algum tipo de herança de família.

– Ele não tem irmãos mais velhos? – pergunto. – A herança já deve ter acabado há uns quatro casamentos.

– Ah, sim. Talvez ele compre alguma coisa, sim. Você acha que ele vai ligar pra gente de Washington, de dentro de alguma lojinha de bijuteria tipo a Claire's, perguntando qual anel a Mara iria preferir?

– Gente, sabe de uma coisa? Na semana passada, eu li em algum lugar que a Costco vende anéis de noivado... Ah, oi, Liam.

O namorado de Mara entra na tela e para bem atrás dela. Nas últimas semanas, ele se tornou uma espécie de quarto membro informal em nossas ligações – um ator convidado esporadicamente, se você preferir, que espera ouvir histórias constrangedoras da época em que Mara estava no doutorado e se oferece para matar nossos colegas babacas do sexo masculino quando reclamamos. Considerando que na primeira vez que fomos apresentadas a ele Mara estava armando uma pegadinha no banheiro dele, é surpreendentemente divertido tê-lo por perto.

– É sério isso, gente? – pergunta ele, de cara feia e braços cruzados. – Claire's? Costco?

Hannah e eu quase engasgamos.

– A Costco é *incrível*.

– É, Liam. O que você tem contra a Costco?

Ele balança a cabeça para nós, dá um beijo no topo da cabeça de Mara e sai do enquadramento. Sou fã do cara, devo confessar.

– Muito bem – diz Mara –, voltando às suas fracas habilidades de comunicação...

Eu reviro os olhos.

– Você ainda está chateada com Erik? – pergunta Hanna. – Porque você passou semanas triste, furiosa e tristemente furiosa. Mesmo que agora você saiba que os seus motivos pra isso não eram tão legítimos assim, acho que ainda assim pode ser difícil deixar isso de lado. Será que é esse o nosso problema aqui?

Penso na mão de Erik se fechando ao redor do meu braço no saguão. Na maneira como ele continuou olhando para mim quando o elevador voltou a funcionar: focado, atento, como se o mundo pudesse girar duas vezes mais rápido que o normal e ainda assim ele não se importaria, não se eu estivesse por perto. Não me permito lembrar as palavras que ele disse, mas uma memória ressurge, de nós dois rindo na cozinha dele comendo sobras de comida chinesa, e eu não a reprimo. Pela primeira vez em semanas, não é algo impregnado de

ressentimento e traição. Apenas a doçura doída e pungente da noite que passamos juntos. De Erik ligando o termostato quando eu disse que estava com frio, depois envolvendo suas mãos grandes e quentes ao redor das solas dos meus pés. Aquela sensação de estar bem ali, na iminência de algo novo.

Acho que não estou com raiva, não mais.

– Não é isso – digo.

– Tá. Então o problema é que você não acredita nele?

– Eu... Não. Eu acredito. Não acho que Gianna quis mentir pra mim, mas acho que ela não tinha todas as informações.

– Então o que é?

Engulo em seco, tentando entender o motivo pelo qual meu estômago está pesado, o motivo pelo qual tenho me sentido nauseada de decepção e medo desde que descobri a verdade. E então a ficha cai. A única coisa que tenho tentado ativamente não verbalizar me atravessa quando digo:

– De qualquer jeito, não importa.

– Por que não importa?

Fecho os olhos. Sim. É isso. É por isso.

– Porque estraguei tudo.

– Estragou tudo como?

Agora que posso dar à coisa o nome que ela realmente tem, a sensação horrível cresce, ácida e amarga na minha garganta.

– Ele não vai mais se interessar por mim. Ele me conheceu e achou que eu era engraçada, que tinha muitas coisas em comum comigo, que realmente gostava de mim, e aí eu... agi feito uma pessoa completamente irracional, ridícula e perturbada, e bloqueei o número dele, depois o acusei de *espionagem corporativa*, e talvez ele queira esclarecer as coisas, talvez ele odeie a ideia de eu achar que ele é uma pessoa horrível, mas não tem como ele querer continuar de onde a gente parou e... aaaargh.

Enterro o rosto nas mãos.

Eu estraguei a porra toda. Eu simplesmente... estraguei tudo. E agora preciso viver com isso. Tenho que seguir em um mundo em que nenhum homem jamais irá se comparar a Erik Nowak. Nenhum homem jamais vai me fazer rir, nem fazer meu corpo cantar, nem deixar minha alma absolutamente indignada com suas opiniões ultrajantes sobre o time do Galatasaray – tudo ao mesmo tempo.

– Ah, amiga... – Mara inclina a cabeça. – Você não pode ter certeza disso.
– Eu tenho. É o mais provável.
– Essa não é a questão. – Hannah se aproxima da tela até que tudo que posso ver é o seu lindo rosto, com seus lindos olhos escuros. – Tá, então Erik agora sabe que você de vez em quando demonstra uma falta terrível de iniciativa em resolução de conflitos.

Dou um gemido.

– Eu queria muito ter a força emocional pra desligar na sua cara.
– Mas não tem. O que eu estou dizendo é que talvez Erik conclua que você vai ser uma péssima namorada, que exagera e causa mais problemas que o normal. Talvez ele conclua que quer reclamar de você no Reddit. Mas, se você limar esse cara agora como fez três semanas atrás, vai estar apenas tomando essa decisão *por* ele.

Eu só pisco, confusa, de repente me lembrando do motivo pelo qual entrei para a engenharia. Derivadas logarítmicas são muito mais fáceis do que essas tretas de relacionamento.

– O que você quer dizer?
– Sadie, eu sei que você gosta muito desse cara. Sei que, se ele decidir que não te quer mais na vida dele, isso vai te machucar, e que você se sente tentada a recuar preventivamente pra se proteger. Mas, se você não der a ele nem a chance de te escolher, aí, sim, com certeza você vai perdê-lo.

Assinto devagar, tentando esquecer o nó na garganta. Deixando a ideia – *vá em frente, apenas vá em frente, corra atrás do que quer, seja corajosa* – lentamente se infiltrar em mim. Lembrando-me de Erik. Lembrando-me da brisa pairando entre nós em um banco de parque, em uma calçada deserta. Do frio na barriga que senti com os sentimentos trazidos por ela. Das *possibilidades*. Do *talvez*.

Essa é a minha nova definição de felicidade, Erik murmurou no meu ouvido na segunda vez que fizemos sexo naquela noite. Depois ele afastou meu cabelo suado da minha testa, e eu olhei para ele e pensei: *Os olhos dele são exatamente da cor do céu quando o dia está ensolarado*. E eu sempre, *sempre* amei o céu.

– Vocês têm razão – digo. – Eu deveria ir falar com ele.

Hanna sorri.

– Bem, na verdade, é o quê, uma da manhã em Nova York? Eu estava imaginando algo tipo um telefonema amanhã de manhã. Por volta das dez.

- Sim. Eu deveria ir falar com ele *agora*.
- Isso é exatamente o oposto do...
- Preciso ir. Amo vocês.

Desligo e pulo para fora da cama, procurando um casaco e meu celular. Vou chamar um Uber, só que... Merda. Eu sei onde Erik mora, mas não o endereço dele. Corro para a porta, simultaneamente procurando minhas chaves e digitando o ponto de referência mais próximo ao apartamento dele de que consigo lembrar. Como diabos se soletra...

- Sadie?

Olho para cima. Erik está parado na minha porta aberta. Erik, em todo o seu esplendor alto e sério de Thor Corporativo. Vestindo as mesmas roupas de quando eu o deixei, mais um casaco leve, a mão no ar e claramente prestes a bater na porta.

- Você está saindo?
- Não. Sim. Não. Eu...

Dou um passo para trás. Outro. E outro. Erik fica exatamente onde está e minhas bochechas queimam. Estou tendo uma alucinação? Ele está realmente aqui em Astoria? No meu apartamento? Ouço um baque alto e minhas chaves estão no chão de linóleo. Preciso de um cochilo. Preciso de uma soneca de sete anos.

– Aqui. – Ele se abaixa para pegar as chaves, pausa por um segundo para analisar meu chaveiro de bola de futebol e o entrega para mim. – Posso entrar por cinco minutos? Só quero conversar. Se você se sentir desconfortável, pode ser no corredor...

- Não. Não, eu... – Pigarreio. – Pode entrar.

Uma breve hesitação. Em seguida, um aceno de cabeça enquanto ele entra e fecha a porta. Mas ele não avança, só fica parado na entrada e simplesmente diz:

- Obrigado.

Eu estava indo até você, abro a boca para dizer. *Estava a caminho para lhe dizer muitas, muitas coisas confusas*. Mas a surpresa de vê-lo aqui paralisou minha bravura e, em vez de inundá-lo com o discurso arrebatado que eu teria digitado no aplicativo de notas dentro do Uber, eu apenas o encaro. Em silêncio.

Pelo amor de Deus, qual é o meu problema?

- Aqui – diz ele, segurando um celular.

O celular dele.

Hein?

– Por que está me dando isso?

– Porque quero que você dê uma olhada. A senha é 1111.

Olho para o rosto dele.

– A senha é 1111? Tá de sacanagem?

– É, eu sei. Ignora isso.

Eu dou uma risada nasalada.

– Não tem como me pedir *isso*.

Ele suspira.

– Tá. Você tem permissão pra fazer *um único* comentário.

– Que tal um um um um comentário...

– Pronto. Já fez. Agora...

– Fala sério, eu tenho *muito* mais pra...

– ... você pode, por favor, desbloquear o celular?

Faço beicinho, mas obedeco. Principalmente por pura perplexidade.

– Feito.

Ele assente.

– Se clicar no aplicativo de e-mail, vai encontrar minhas mensagens de trabalho. A maioria delas é altamente confidencial, então peço que não leia. Mas quero que procure pelo seu sobrenome.

– Por que eu faria isso?

– Porque está tudo aí. Os e-mails. Eu pedindo o link pra sua tese e depois encaminhando pra ProBld feito um idiota. Alguns momentos em que comento sobre o que você escreveu. A linha do tempo pode confirmar o que já contei. – Eu o encaro. Sem dizer nada. Então ele continua, e fica ainda pior: – Isso é tudo em que consegui pensar, mas, se houver mais alguma coisa que eu possa mostrar pra ajudar você a acreditar que Gianna interpretou mal as coisas, me fala. Posso deixar meu celular aqui. Leve o tempo que quiser pra ver tudo. Se alguém ligar ou mandar mensagens, é só ignorar.

É o jeito calmo e sério com que ele olha para mim que me desarma, que acaba com o que sobrou do meu pavor de ser rejeitada. E eu abruptamente bloqueio qualquer bobagem assustada que meu cérebro esteja tentando me falar.

Uma nova certeza se desenrola dentro de mim, e imediatamente eu *sei* o que

fazer. *Sei* como fazer. E tudo começa comigo segurando o celular dele com força, me aproximando dele e enfiando o aparelho no bolso do seu casaco. Deixo minha mão se demorar um segundo, sentindo o calor do corpo de Erik. O algodão limpo. Sem fiapos, embalagens de doces nem tubos de protetor labial vazios.

Eu adoro isso. Eu amo isso. Minha mão quer deslizar para dentro deste bolso nas tardes chuvosas de outono e nas manhãs frias de primavera. Minha mão quer se mudar e *morar* aqui, bem ao lado da mão de Erik.

Mas, por enquanto, há outra coisa que preciso fazer. Que é estender o meu próprio telefone para ele. Ele olha para o celular um pouco desconfiado, até que eu digo:

– Minha senha é 1930.

Sua boca se contrai.

– Ano da primeira Copa do Mundo?

Dou risada porque... sim. Dentre todas as pessoas, *ele* saberia. E então percebo que estou começando a chorar, porque, é claro, de todas as pessoas no mundo inteiro, *ele* saberia.

– Desbloqueia, por favor – digo entre fungadas. Erik está com os olhos arregalados, preocupado com as lágrimas, tentando se aproximar e me puxar para ele, mas eu não deixo. – Desbloqueia meu celular, Erik. Por favor.

Ele rapidamente digita os números.

– Pronto. Sadie, você está...

– Vai nos meus contatos. Encontra o seu. É... Eu mudei. Pro seu nome de verdade.

É difícil sustentar níveis altos e prolongados de ódio por alguém que está salvo no seu celular com um apelido fofo, não acrescento, mas o pensamento me faz dar uma risada embargada, úmida.

– Pronto. – Ele parece impaciente. – Posso...

– Tá. – Eu respiro fundo. – Agora, por favor, desbloqueia o seu número.

Uma pausa e então:

– O quê?

– Eu bloqueei o seu número. Porque eu... – Enxugo a bochecha com as costas da mão, porém há mais lágrimas vindo. – Porque eu não conseguia suportar... Mas acho que você deveria desbloquear. – Eu fungo mais uma vez.

Ruidosamente. – Então, se você concluir que não se importa com o fato de que às vezes eu posso ser uma doida varrida e, se quiser me ligar e dar a... a essa coisa que a gente tava tendo uma outra chance, eu ficaria feliz em atender e...

Eu me vejo sendo puxada em direção ao corpo dele, abraçada com firmeza contra seu peito, e eu provavelmente deveria insistir em me desculpar de maneira adequada e oferecer um relato profundo de tudo que aconteceu, mas apenas me deixei afundar nele. Sentir seu cheiro familiar. Quando ele alisa meu cabelo para trás, enterro meu rosto em sua camisa e me sinto derreter, absorvendo o silêncio e o alívio.

– Acho que eu sou mesmo péssima nesse lance de sexo sem compromisso – digo, abafada no tecido macio.

– A gente não fez sexo sem compromisso, Sadie.

– Tá bem. Tipo, sei lá. Eu nunca...

– Já tive o suficiente pra nós dois. – Ele se afasta para olhar para mim e repete: – A gente *não* fez sexo sem compromisso.

Não decido beijá-lo de forma consciente. Simplesmente acontece. Em um segundo estamos olhando um para o outro, no outro, não. Erik tem o gosto dele mesmo e de uma noite de fim de primavera em Nova York. Ele segura minha cabeça na palma da mão, me aperta contra ele; geme, se abaixa para me empurrar contra a parede e lambe o interior da minha boca.

– A gente está numa boa, então? – pergunta ele, afastando-se para tomar ar.

Quero assentir, mas esqueço assim que ele se inclina para outro beijo, tão profundo quanto o que veio antes. Então ele se lembra da pergunta e repete:

– Sadie? A gente está numa boa?

Fecho os olhos e mordo seu lábio inferior. É macio e carnudo, e me lembro da maneira paciente como ele trabalhou entre minhas pernas. Lembro-me de gozar várias vezes, um prazer tão forte que não conseguia compreender...

– Sadie. – Ele não está respirando normalmente. Dá um passo para trás, como se precisasse de um momento para se controlar. – A gente está numa boa? Porque, se você acha que *isso* é sexo sem compromisso, então...

– Não. Eu... – Estendo a mão para o rosto dele. Desta vez, quando trago sua boca até a minha, meu beijo é lento e delicado. – Não. A gente está numa boa.

– Jura? – pergunta ele contra os meus lábios.

Faço que sim com a cabeça. E, depois, porque parece importante, respondo:

– Juro.

É como ligar um interruptor. Em um momento ele está olhando para mim com uma expressão questionadora, no seguinte nossas mãos estão um no outro, eu abrindo o zíper de sua calça jeans, ele desabotoando minha blusa. Tem um calor crescendo entre nós, um calor que nos faz avançar freneticamente, desajeitados e ansiosos demais. Quando puxo sua calça jeans e a cueca para baixo, seu pau pula para fora, tão duro que deve doer. Eu o envolvo com a mão, bombeando para cima e para baixo algumas vezes, e ele geme, um som suave e gutural. Então ele me puxa, prende meu pulso na parede e arranca minha calça.

Seus dedos passam por baixo do elástico da minha calcinha e, quando os nós de seus dedos roçam o tecido úmido, tenho que me controlar para não abrir as pernas o máximo possível.

– Roxa – diz ele quando minha calça chega ao redor dos meus tornozelos. – Finalmente.

– Tive apresentação hoje. Ontem – emendo, ajudando-o a se livrar da minha camiseta.

– A propósito – diz ele, a voz áspera –, da última vez você deixou o sutiã na minha casa.

Ele corre os dedos pelo que estou usando, mas não o tira. Em vez disso, abaixa os bojos de renda, enfiando-os sob a curva dos meus seios. Quando meus mamilos expostos endurecem, nós dois fazemos ruídos sufocados e ofegantes.

– Pode ficar com ele.

– Ótimo.

– Ótimo?

Seu polegar se move para a frente e para trás em meu mamilo.

– Ele não está exatamente em um... estado imaculado.

Dou risada, sem fôlego.

– Por quê? Você tem usado?

Ele não responde. Em vez disso, me levanta até que minhas pernas estejam envoltas em seus quadris, me prendendo contra a parede ao lado da porta, embora haja uma cama, um sofá, uma dúzia de móveis a apenas alguns metros de distância – e então para abruptamente.

– Você... você está se sentindo encurralada? Isso...

– Não, tá bom. Perfeito. Por favor, apenas...

Ele engancha os dedos no forro da minha calcinha, empurra-a para o lado e experimenta um, dois ângulos que não têm como funcionarem, mas então ele me ajeita, me inclina como se eu não fosse maior que uma boneca, e na terceira tentativa ele apenas...

Desliza para dentro. A pressão é enorme, esticando e queimando, e é familiar e implacável e maravilhosa, e tudo em que consigo pensar é como senti falta disso, da sensação aguda de algo grande demais que de alguma forma é feito para caber dentro de mim, do jeito que ele murmura “Desculpa, por favor, mais um pouco, quase lá”.

– Eu senti a sua falta – diz ele, respirando contra a minha têmpora quando atinge o encaixe completo, soando como se estivesse sob grande tensão. – Eu só tinha passado 24 horas com você, mas nunca senti tanta falta de alguém.

Solto um gemido. Um som constrangedor e choroso que não tem como ter saído da minha boca.

– Só pra você saber. – Me sinto tão preenchida que mal consigo falar. – Eu achei o sexo bom.

É um eufemismo. Mas é o máximo que sou fisicamente capaz de dizer agora.

– Ah, é?

Ele me morde na carne entre o pescoço e o ombro, não de um jeito que machuca minha pele, mas que sugere que ele não está totalmente no controle. Isso me lembra de nossa noite juntos, da maneira como ele me manteve imóvel para suas estocadas, da maneira como ele me fez sentir ao mesmo tempo poderosa e impotente.

– Isso é bom. Porque não consigo pensar em mais nada. – Ele se move dentro de mim. Uma vez, duas vezes. Mais uma vez, um pouco forte demais, mas perfeito. Minha testa se inclina contra a dele, e ele ofega na minha boca. – Três semanas, e eu só conseguia pensar em você.

Dura menos que uma dúzia de estocadas. Sua boca está na minha orelha enquanto ele me diz como eu sou bonita, como ele quer me sentir por completo, como ele poderia me foder a cada segundo de cada hora de cada dia. Os espasmos florescem dentro de mim, me deixam fora do ar, e eu me agarro em seus ombros enquanto meu orgasmo explode pelo meu corpo, esvaziando minha mente.

Erik, eu murmuro contra seu cabelo. *Erik, Erik, Erik*. Ele fica parado

enquanto me mexo nele, um grunhido quase silencioso em sua garganta, a tensão em seus braços quase vibrando. Então, quando estou quase terminando, ele pergunta:

– É melhor... Caralho, é melhor eu tirar?

– Não – digo, soltando o ar. – Eu... Está tudo bem. Pílula.

Ele goza dentro de mim antes que eu termine de falar, enterrando os sons do seu prazer na pele do meu pescoço.

Ficamos assim por um tempo. Ele me segura, como se soubesse que minhas pernas vacilariam se me soltasse, e me beija por longos segundos. Dá beijinhos em todo lugar que consegue alcançar, longas lambidas no meu pescoço suado, chupões suaves que me fazem me contorcer e rir em seus braços. Eu não quero que este momento acabe jamais, jamais. Quero pintá-lo, emoldurá-lo, pendurá-lo na parede – *nesta* parede –, admirá-lo e fazer um milhão de cópias e...

– Sadie?

A voz de Erik está ainda mais grave que o normal. Estou feliz, mole e relaxada.

– Oi?

– Você ainda tem o hamster?

– Porquinho-da-índia.

– Mesma coisa. Você ainda tem?

– Tenho. – Eu paro. – Por quê?

– Só me certificando de que um rato gigante não está tentando comer minha calça jeans.

Olho por cima do ombro dele e caio na gargalhada pela primeira vez em semanas.



Epílogo

UM MÊS DEPOIS

– Pronto – digo, determinada. Olho primeiro para minha obra-prima e para os vestígios do meu trabalho pesado, e então repito, mais alto: – Pronto, acabei! Prepare-se pra ficar de queixo caído!

Erik aparece na entrada de sua cozinha cerca de cinco segundos depois, parecendo sonolento, relaxado e lindo de camiseta e calça de pijama xadrez.

– Você está com massa no nariz – diz ele, antes de se inclinar para removê-la com um beijo.

Em seguida, ele se senta na minha frente, do outro lado do balcão.

– Muito bem. Hora da verdade.

Deslizo um pequeno prato de porcelana para ele. Em cima há um croissant – fruto de minhas muitas, *muitas* tentativas.

Muitas. Tentativas. Mesmo.

– Parece bom.

– Obrigada. – Abro um grande sorriso. – Fiz do zero.

– Dá pra ver.

Com um sorrisinho, ele observa como três quartos de sua cozinha estão cobertos de farinha.

– Meu gênio culinário é aparentemente um pouco caótico. Vai, experimenta.

Ele pega o croissant em suas mãos enormes e dá uma mordida. Mastiga por um, dois, três, quatro, cinco segundos, e eu provavelmente deveria dar a ele um pouco mais de tempo, mas mal posso esperar para perguntar:

– Gostou? Ficou bom?

Ele mastiga um pouco mais.

– Incrível? Fantástico? Delicioso?

Ele mastiga mais.

– Dá pra comer?

Erik para de mastigar. Coloca o croissant de volta na mesa e engole uma vez. Com notável dificuldade. Em seguida, lava tudo com um gole de café.

– E aí? – indago.

– É...

– Não pode ser *ruim*.

Silêncio.

– Né?

Ele inclina a cabeça, pensativo.

– É possível que você tenha confundido sal e açúcar?

– Não! Eu... É pior que o da Faye? – Ele pensa um pouco, o que já é a resposta que eu preciso. – Te odeio.

– Tem um... retrogosto de vinagre? Será que você usou vinagre no lugar de água?

– O quê? – Eu franzo a testa. – Acho que *você* é o problema. Acho que simplesmente não gosta de croissants.

Ele dá de ombros.

– É, talvez seja eu.

O Gato pula no balcão. Ele cuidadosamente desvia de nossas canecas e, com uma expressão curiosa, cheira o croissant de Erik.

– Ah, amigo, não – sussurra Erik. – Você não quer fazer isso.

O Gato dá uma lambida delicada. Então se vira para mim com uma expressão horrorizada e traída.

Erik nem *tenta* segurar o riso.

– Eu te odeio.

Fecho os olhos, silenciosamente planejando homicídio, caos e muitos cenários truculentos de vingança. Vou desfigurar as camisas dele. Vou jogar shoyu em seu leite achocolatado. Vou esconder o edredom pelas próximas dez noites.

– Te odeio – repito. – Te odeio tanto, tanto, tanto...

– Não. – Quando abro os olhos, o sorriso de Erik é caloroso e suave. – Acho que não odeia, não, Sadie.



Sobre a autora



ALI HAZELWOOD é autora de comédias românticas em que as protagonistas são mulheres das áreas de ciências, tecnologia,

engenharia e matemática. Ph.D. em neurociência, ela também tem vários artigos publicados – nos quais, infelizmente, ninguém dá uns amassos e o “para sempre” nem sempre é feliz.

Nascida na Itália, ela morou na Alemanha e no Japão antes de se mudar para os Estados Unidos. Quando não está no trabalho, Ali pode ser encontrada correndo, fazendo crochê, comendo doces ou assistindo a filmes de ficção científica com seus dois soberanos felinos (e o marido um pouco menos felino).

 alihazelwood.com

 [@alihazelwood](https://www.instagram.com/alihazelwood)

 [@EverSoAli](https://twitter.com/EverSoAli)

 [@alihazelwood](https://www.tiktok.com/@alihazelwood)

 [@alihazelwood](https://www.facebook.com/alihazelwood)

 ever-so-ali.tumblr.com

CONHEÇA OS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor

A razão do amor

ODEIO TE AMAR

Sob o mesmo teto (e-book)

Presa com você (e-book)

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

